

Thiago de Carvalho Zambelli

Histórias do Basquetebol nas Quadras Externas de Campinas/SP: o Diálogo do *Streetball*



Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Faculdade de Educação Física (FEF)
Campinas 2004

Thiago de Carvalho Zambelli

Histórias do Basquetebol nas Quadras Externas de Campinas/SP: o Diálogo do *Streetball*

Monografia para conclusão de graduação na modalidade de bacharelado da Faculdade de Educação Física sob a orientação do Professor Dr. Paulo César Montagner.



Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Faculdade de Educação Física (FEF)
Campinas 2004

Agradecimentos

Primeiramente agradeço ao meu melhor amigo, Rei e Salvador **Jesus Cristo**. Sem Ele eu nada seria. É a ele também que dedico esse trabalho, que passei árduas horas lendo, escrevendo e compilando, mas nada comparado com o sofrimento que Ele teve no meu e no lugar de todos naquela cruz.

*Por meio de Jesus, portanto,
ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor,
que é fruto de lábios que confessam o seu nome.*
Hebreus 13:15

*Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação,
façam-no em nome do Senhor Jesus,
dando por meio dele graças a Deus Pai.*
Colossenses 3:17

Agradeço também à mulher com a qual desejo passar o resto de minha vida, Karen, por todo seu carinho e amor, me ajudando com idéias e na correção dos meus textos. Ainda, papai e mamãe por todo o suporte financeiro e emocional que deram durante estes anos na universidade.

Sou grato pela vida e compreensão de meu amigo Rodney “Buddy”, que me deu muitos dos livros nos quais baseei minha pesquisa e a sua irmã Brenda, que me ajudou na compreensão de gírias da língua inglesa. Meu obrigado para meu orientador, que acreditou na minha capacidade desde o início.

Agradeço também ao Paulo “Lirou”, Roberto “Betão”, e Eduardo “Du Japinha”, por me ajudarem de alguma maneira neste trabalho. Meu obrigado ao pessoal que fez parte das entrevistas, pois sem eles esse trabalho não seria rico.

Por fim e não menos importante, agradeço aos meus colegas de basquetebol, com os quais já passei momentos inesquecíveis nas quadras. Vocês são os grandes responsáveis pela paixão que tenho pelo jogo. Muito obrigado!

תודה יהוה.

Resumo

Considerando o basquetebol de rua (*streetball*) dos Estados Unidos da América um boom fenomenológico, este trabalho objetivou compreender o basquetebol jogado nas quadras externas da cidade de Campinas/SP a partir de duas entrevistas semi-estruturadas com grupo de jogadores de quadras públicas da Unicamp e do Taquaral. Depois de um breve relato histórico da gênese do basquetebol, e a criação e evolução do *streetball* como um ramo a parte da raiz basquetebol, foram traçados dezesseis temas, nos quais nos baseamos para discutir as histórias de vida dos entrevistados com o jogo.

Palavras Chaves: Basquetebol, *streetball*, quadras externas, jogador e histórias.

Sumário

<u>Apresentação:</u>	<u>Página</u>
Tema	1
Objetivos	2
Justificativa da Pesquisa	3
Metodologia	4
<u>Histórias:</u>	
Breve História do Basquetebol	5
<i>Streetball</i> – Ligeira História	9
<i>Streetball</i> – Uma Visão Romantizada	11
<u>A Pesquisa:</u>	
Caracterizando os Ambientes – Unicamp	12
Caracterizando os Ambientes – Taquaral	13
Questionário Para Entrevista Semi-Estruturada	14
Transcrição da Entrevista Semi-Estruturada Realizada na Unicamp	15
Transcrição da Entrevista Semi-Estruturada Realizada no Taquaral	33
<u>Temas e Discussões:</u>	
Temas Apontados e Selecionados das Entrevistas Para Explicação	45
1- Começando a Jogar...	46
2- Influências, Há?	47
3- Exibições: São Necessárias?	49
4- Quando Jogamos?	51
5- Qual o Significado de Jogar Basquetebol?	53
6- Amor ao Jogo X Amor ao Dinheiro	56
7- A prática do Basquetebol Organizado	59
8- Rixas e Estilos Diferentes	61
9- O Nível do Seu Jogo	65
10- <i>Outdoor X Indoor</i>	68
11- Quem Pode Jogar?	71
12- Que Roupas Devo Usar?	73
13- Liberdade no Ato de Jogar	76
14- Cuidando da Facilidade	79

15- Jogadas Inesquecíveis	81
16- Apoiando o Jogo	84
<u>Comentários:</u>	
Considerações Finais	88
<u>Bibliografia:</u>	
Livros	89
Sítios Eletrônicos	91

Tema

Todos sabemos, profissionais ou não da área esportiva, que futebol é o esporte número um do brasileiro. Muitos trabalhos científicos vêm sendo pesquisados ao longo desses últimos anos sobre o abrangente tema, inclusive trabalhos como o futebol de várzea.

O basquetebol também possui elementos parecidos com o futebol de várzea. No Brasil, “pelada” é também sinônimo para um jogo não-formal do esporte institucionalizado, denominado futebol. *Atividades não-formais são versões complementares e descontínuas de eventos formais com diferentes graus de utilização de seus componentes originais* (COSTA, 1988, pgs. 47 e 48). O basquetebol ainda não possui um apelido para esses jogos não-formais no Brasil, mas nos Estados Unidos da América, onde começou este esporte, ele é conhecido como *Streetball*, ou, para uma versão nacional, basquete de rua.

Levando em consideração as diferenças culturais do basquetebol de várzea americano (*streetball*), este estudo trata de histórias contadas por jogadores de basquetebol de quadras externas da cidade de Campinas-SP. O trabalho destaca dezesseis temas levantados por ambos grupos entrevistados, todos relacionados com o basquetebol, tratando de questões objetivas e subjetivas, como por exemplo, a visão romântica do jogo.

Objetivos

Este estudo tem como objetivo mostrar as características dos jogadores de basquetebol de quadras públicas da cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo, bem como traçar semelhanças entre seus estilos de jogo com jogos de basquetebol organizado. O trabalho também compara uma visão do basquetebol de rua (*streetball*) dos EUA, berço de ambos os estilos, com o jogado nas quadras públicas da cidade alvo. Por fim, este é um trabalho para contribuição da compreensão do basquetebol como um todo na cultura brasileira.

Justificativa da Pesquisa

Assim como em qualquer outro esporte, o basquetebol também passa por evoluções. Essas podem ser no sistema técnico, tático, regras e em outros elementos. O objetivo principal do basquetebol, fazer a cesta, pode ser alcançado de diferentes maneiras e notamos que os estilos de se jogar também acompanham todo o valor do jogo desde sua gênese.

Além dos jogos organizados por federações e associações, há muitos atletas que passam boa parte do seu tempo se entretendo ou treinando em quadras públicas para atingir seus objetivos, sejam eles para ganhar dinheiro, perder peso, ou simplesmente reencontrar os amigos depois de uma semana estressante de trabalho.

O mesmo esporte, basquetebol, é jogado em ambientes extremamente diferentes. Nos Estados Unidos da América essa divergência dos jogos já chegou ao nível que palavras foram criadas para contemplar essa discrepância cada vez mais evidente. Foi daí que, por exemplo, a palavra *streetball* surgiu, criada pela sociedade midiática americana quando notou que algo diferente havia na essência do basquetebol jogado nas praças públicas, ou melhor, no jogo de rua.

De fato, todo esse estilo, graças principalmente ao marketing iniciado no começo do século XXI, se espalhou pelo globo. Este novo jeito de se jogar basquetebol tem tomado conta dos estilos de novos jogadores no Brasil. A separação é cada vez mais nítida entre o estilo do basquetebol organizado (*indoor*¹) dos jogados de praças públicas (*outdoor*²).

O interesse em pesquisar este assunto foi avivado pelo gozo ao jogo e pelo fato do Brasil não ter aparentemente nada escrito sobre este novo boom. Adiciona-se a isso a vontade de fazer um trabalho em que futuros pesquisadores possam ter alguma base sólida para se apoiarem e pesquisarem sobre basquetebol de uma forma contextualizada.

¹ Palavra inglesa para jogos em ginásios.

² Palavra inglesa para jogos em quadras externas, fora de ambientes fechados como o ginásio.

Metodologia

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, tendo por base os métodos e passos de uma observação participante. Conforme Mann (LAKATOS & MARCONY, 1985, pg. 194), a observação participante é uma *tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles*. Mais especificamente, é uma observação participante natural, onde o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga.

Com um questionário previamente elaborado, foram feitas entrevistas semi-estruturadas em dois diferentes ambientes, Unicamp e Taquaral, com grupos de jogadores de basquetebol que participam das quadras públicas para a prática do esporte. Os nomes dos entrevistados não foram citados. Primeiro, por não haver a necessidade e segundo, por questões éticas.

A partir dos dados colhidos (transcrições), foram selecionados dezesseis temas comuns entre as duas entrevistas. As falas foram colocadas no meio do texto para que houvesse uma melhor familiarização do leitor com o assunto tratado. Conforme Queiroz, *“o relato”, denominado agora “história oral”, fez seu reaparecimento entre as técnicas de coleta de material empregadas pelos cientistas sociais com tanto sucesso que, por muitos deles, foi encarado como “a” técnica por excelência* (SIMSON (org.), 1988, pg. 14). Em seu livro, Simson fragmenta as repostas dos dados coletados para explicá-las de forma mais minuciosa, prática esta que foi seguida ao longo deste trabalho.

Breve História do Basquetebol³

Quando se fala sobre basquetebol pode-se ouvir sobre enterradas “na cara”, disputas brilhantes, dribles desconcertantes, passes mirabolantes, bloqueios arrasadores e cestas de pêsego. Esse é o início da história do basquetebol.

Conforme Dr. Luther Gulick, *vigor corporal (...) nos capacita a viver em melhor condição para nos manter no limite máximo de nossa capacidade*⁴. Dr. Luther era o professor diretor de educação física em Springfield, Massachusetts do YMCA (Young Men’s Christian Association).

Este professor era desafiado durante os meses de inverno, os quais pelo fato de serem muito frios, não permitiam aos seus alunos jogar beisebol nem futebol americano. Os alunos estavam cansados dos exercícios calistênicos, ginásticas e marchas. Isso levou-os a fácil desobediência disciplinar, contrário a ética Cristã do centro de treinamento (YMCA).

Dr. Luther Gulick chamou então (como terceira opção) Dr. James Naismith, um professor canadense de trinta anos formado em teologia pela faculdade presbiteriana de Montreal. Este homem foi capaz de juntar suas duas paixões: esporte e ministério.

Avaliando o que estava acontecendo com os alunos, ele disse: *o problema não é com os homens, mas com o sistema que estamos usando... o tipo de trabalho para essa classe em particular deve ser de uma natureza recreativa, algo que encante seus instintos de jogo*⁵. Naismith, depois de tentar alguns jogos como variações de futebol americano e rugby, pensou que se o objetivo fosse colocado em postes para se fazer os pontos, seria muito mais necessário uma habilidade fina do que apenas força bruta.



³ Este capítulo foi todo baseado no capítulo primeiro do livro *Black Hoops*, (pg 1-14).

⁴ Pg 1.

⁵ Pg 5.

A presença da cesta de basquetebol surgiu na manhã seguinte à idéia de Dr. James Naismith, o "Pai do Basquetebol" (pg 4) Naismith, quando ele mesmo pediu ao zelador da escola duas caixas. Como não haviam ali caixas mas apenas duas cestas de pêssegos, surgiu o nome, *basketball*⁶. Ele colocou a cesta a três metros e cinco centímetros de altura, medida que permanece até hoje. A bola era, inicialmente, de futebol. Com a criação do jogo vieram concomitantemente as regras, que eram apenas treze originalmente:

- 1- A bola pode ser arremessada em qualquer direção com uma ou duas mãos;
- 2- A bola pode ser driblada (batida) em qualquer direção com uma ou duas mãos, mas nunca com o punho;
- 3- *Se o jogador estiver correndo numa dada velocidade e tentar parar com a bola, (ele não pode continuar correndo com ela) tendo que lançá-la de onde parou;*
- 4- *A bola deve ser segurada em uma ou entre as mãos. Os braços e o corpo não devem ser usados para segurá-la;*
- 5- Não será permitido o uso dos ombros, empurrar, segurar, rasteiras ou esbarrar de qualquer forma no oponente. A primeira infração desta regra por qualquer pessoa será considerada como falta. A segunda o desqualificará até que seja feito um próximo ponto, ou ainda, se tiver evidência da intenção da falta, o jogador será desqualificado por todo o jogo. Substituições não são permitidas;
- 6- *É notada falta quando houver a violação da regra 3 e 4, assim como descrita na regra 5;*
- 7- *Se qualquer um dos lados fizer três faltas consecutivas, será considerado um ponto para o adversário;*
- 8- *O ponto será feito quando a bola for arremessada ou bater no fundo da cesta e lá ficar, fazendo com que os defensores não possam tocar a bola ou atrapalhar o ponto. Se a bola ficar na extremidade e o oponente mover a bola, será considerado ponto;*
- 9- *Quando a bola for para a lateral, ela será arremessada para dentro do campo de jogo pela pessoa que primeiro tocá-la. Em caso de disputa, o*

⁶ *Basketball, termo inglês que traduzimos por basquetebol. Basket significa cesta, daí a idéia da cesta de pêssegos.*

juiz a arremessar a bola ao campo. São permitidos cinco segundos para repor a bola em campo; se o jogador segurar a bola por mais tempo, ela irá para o oponente. Se um dos lados persistir na demora do jogo, o juiz dará a falta para aquele lado.

10- O juiz será o julgador do homem e anotará as faltas e notificará ao árbitro quando três faltas consecutivas forem feitas. Ele terá o poder de desqualificar o jogador de acordo com a regra 5;

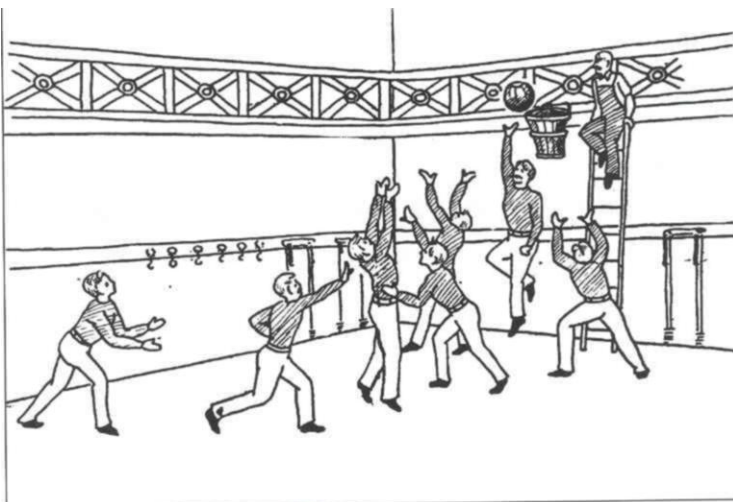
11- O árbitro será o julgador da bola e decidirá quando a bola está em jogo, dentro da quadra e para que lado pertence a bola. Ele cuidará do tempo de jogo e decidirá quando o ponto foi feito, mantendo a contagem do jogo;

12- O jogo possui dois tempos de 15 minutos, com 5 minutos de intervalo entre os tempos;

13- O lado que fizer mais pontos neste tempo será declarado vencedor. Em caso de empate, o jogo continuará até que outro ponto seja feito. Isso será estabelecido de acordo com o capitão dos times.

Quando a classe de Naismith foi ter aula, ele disse que seria seu último esforço em criar um novo jogo. Dividindo, então, a classe em duas equipes de nove jogadores cada, ele fez o primeiro “bola ao ar”.

Ninguém sabe, de fato, quantos pontos foram feitos durante aquele primeiro jogo de *basketball*. Sabe-se, realmente, que houve muitas faltas. Porém, especuladores dizem que o placar foi de apenas um a zero.



O primeiro jogo de basquetebol foi jogado com cestas de pêssegos (pg 11)

Naquele inverno os alunos levaram o jogo consigo durante as férias de Natal. A priori, os alunos chamaram o jogo de *Naismith ball*, mas o criador recusou.

O jornal da escola chamada *the triangle*, publicou um artigo que levava o título de *basket ball*, escrito pelo próprio Naismith, a pessoas, mas que o ideal seriam

nove. Ele considerava que quanto mais jogadores estivessem em campo, mais divertido seria o jogo.

Em 1894, o jornal *New York Times*, anunciou: *Basketball é o jogo atlético mais jovem, porém já ganhou muita popularidade*⁷. O esporte tinha se propagado por todo os EUA através do YMCA. O artigo do jornal continuou: *o jogo tem sido jogado com mais entusiasmo que qualquer outro esporte em ginásios de diferentes associações neste país durante o inverno passado.*

Muitas variações foram feitas nas regras do basquetebol durante seu primeiro ano de criação. Em 1893, o YMCA sugeriu que o recém *basket ball* fosse jogado com cinco pessoas em pequenos ginásios e com nove em grandes. A regra de apenas cinco jogadores foi fixada em 1897. A cesta de pêssego foi descartada e substituída por uma cesta de metal. Toda vez que um jogador marcava um ponto, o árbitro usava uma longa vara para tirar a bola da cesta. A cesta teve evoluções até 1912, quando inventaram a cesta com o fundo aberto.

Na temporada de 1894-95 a primeira bola de basquetebol foi colocada em jogo: uma borracha inflada envolvida em couro com dez centímetros de diâmetro a mais que uma bola de futebol, ou seja, a bola de basquete naquela época era um pouco maior que a de hoje.

A tabela foi inventada na temporada seguinte, não para melhorar a mira dos arremessadores, mas para ter certeza de que fãs do esporte não teriam como interferir no jogo. Assim, a tabela, de 1,21 por 1,82 metros de madeira ou metal foi colocada atrás de cada cesta.

O jogo era bem mais lento, especialmente porque havia um “bola ao ar” após cada ponto convertido. No início dos jogos, cada cesta valia três pontos. Entretanto, na temporada de 1895-96, esse número foi alterado para dois pontos. O arremesso livre foi colocado no início da década de 1890 e foi proibido o drible com duas mãos na temporada de 1898.

Assim como já havia acontecido com o beisebol e o futebol americano, a popularidade do esporte acabou por levar ao profissionalismo. Provavelmente, o primeiro jogo em que atletas foram pagos para jogar aconteceu na temporada 1896-97 na cidade de Trenton, New Jersey. Eles jogaram contra o YMCA de Brooklin no dia sete de novembro de 1896 e ganharam de dezesseis contra um ponto. A quadra era cercada por todos os lados, não havendo lateral naquele tempo. A cerca servia para evitar os espectadores de interferirem no jogo. Foi cobrado vinte e cinco centavos de dólar para um acento, e quinze centavos de dólar para ficar em pé assistindo ao jogo.

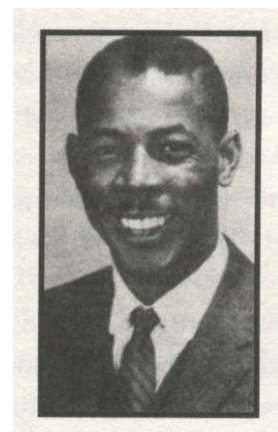
⁷ Pg 9.

Ainda que a proposta inicial fosse de encontrar no basquetebol um jogo onde a exigência de habilidade e técnica prevalecesse sobre a força, o seu início foi marcado por brutalidade. Em 1908 Charlie Eliot, presidente de Harvard, disse que o jogo era mais violento do que o próprio futebol americano. Até houve um jogo onde o time de *Transylvania* jogou com proteção para os ombros. Independentemente do comentário, o novo jogo de Naismith não deixou de ser proclamado e reconhecido em todo os EUA.

Streetball – Ligeira História

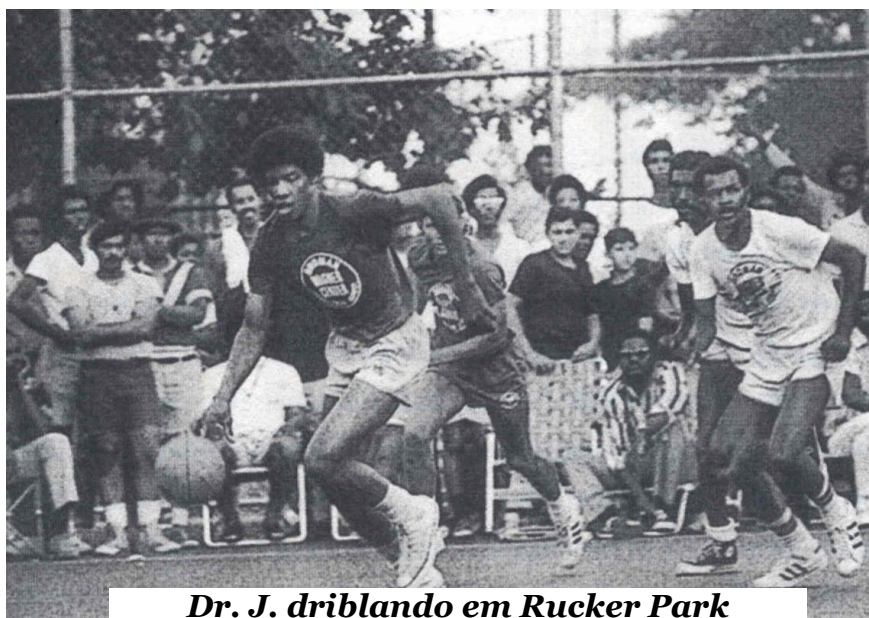
O basquetebol de rua, ou *streetball*, originou-se no início do século XX nas cidades de Washington DC e Nova York nos EUA. Criado com o intuito de ser jogado dentro de ginásios nos meses de inverno, o esporte cresceu de tal maneira que a população local começou a jogar nas próprias ruas nos meses em que não havia neve. O governo, notando a positiva influência que o esporte trazia, incentivou a construção de praças públicas com quadras para que as pessoas pudessem praticar o basquetebol.

Em 1946, Holcombe Rucker, empregado do departamento de parques de Nova York, começou um torneio de basquetebol na quadra da rua 155 do bairro de Harlem, com o propósito de manter as crianças longe de problemas. Essa quadra hoje é conhecida como *The Rucker*, a Meca do *streetball*. Desde então, campeonatos são realizados anualmente.



Holcombe Rucker
(Asphalt GODS, pg. 7)

Apesar do *streetball* já existir há muito tempo, o crescimento globalizado do fenômeno tem ocorrido de fato nos últimos anos. *Se você viu os negros de faculdades de 1950 e início de 1960, você viu o estilo mais exuberante*, disse Sonny Hill, um antigo jogador de faculdade de negros que estabeleceu muita influência nas ligas de verão em Filadélfia (EUA). “Eu



Dr. J. driblando em Rucker Park
(Asphalt GODS, pg. 113)

sempre digo que as pessoas que viram aqueles jogos, viram o jeito que o basquetebol é jogado hoje (FITZPATRICK, 1999, pg 240 e 241).

Conforme a instituição *Streetball Basketball Association* (SBA)⁸, depois da aposentadoria de astros do basquetebol como Larry Bird, Magic Johnson e Michael Jordan, a mídia estava ansiosa à procura de alguém que pudesse substituí-los. A mídia percebeu que na verdade, não foi um jogador que conseguiu a posição de destaque, mas um estilo. Allen Iverson, jogador de basquetebol pela liga norte-americana *National Basketball Association* (NBA) e sua imagem como jogador de rua não surpreenderam de início. Charles Barkley, outro astro do basquetebol norte-americano (NBA) disse que o título de *Rookie of the Year*⁹ da temporada de 1996-97 para Iverson era na verdade *Playground*¹⁰ *Rookie of the Year*, vinculando este título com seu estilo de jogo, que ganhou popularidade quando seu time (Philadelphia 76ers) ficou em segundo colocado na temporada de 2000-01, mesmo ano de lançamento do primeiro vídeo anual de *streetball* da grife AND1, vinculada ao estilo de basquetebol de rua e grande responsável pela propagação do jogo.

⁸ Fonte: <http://www.stretbasketballassociation.net/history.html>

⁹ Novato do ano;

¹⁰ Termo inglês referente a parques ou praças públicas de esporte e/ou recreação.

Streetball – Uma Visão Romantizada

A palavra *streetball* foi criada para satisfazer a necessidade de preenchimento de um novo boom mercadológico. Criaram este nome para descrever um estilo de jogo que já era praticado há mais de 50 anos. Mesmo antes da própria expressão *streetball* existir, autores e jogadores já tentavam definir o fenômeno. *Basquetebol é o jogo da cidade. Seus campos de batalhas são faixas de asfalto entre cercas destrocadas ou prédios desmoronando; seus ritmos crescem com o golpe desconcertante da bola contra o solo. Não é necessário espaço aberto, quintais exuberantes ou equipamento elaborado. Também não é necessário um número específico de jogadores. Confrontos ‘mano-a-mano’ no parque pode ser tão memorável quanto um jogo com alto nível de organização. Basquetebol é o jogo para jovens atletas sem carros ou mesadas – o jogo de quem o drama e ação são intensificados pelo limite de espaço e pela vizinhança caótica* (AXTHELM, 1970 - pg xv).

Para Salaam (2004), não existe nada chamado *streetball*: *Ninguém nunca pergunta se você quer jogar streetball. Eles te perguntam se você quer jogar basquetebol*. Mas isso está longe de ser a realidade quando focamos o assunto naqueles que praticam o esporte e fazem dele seu estilo de vida.

*“Basquete de rua é mais que apenas um jogo,
é um pedaço do Céu na Terra”*

(Heaven is a Playground – filme de 1991)

Uma compreensão que abrange esses dois extremos é dada pela organização australiana *Major Streetball Foundation* (MSF): *é autêntico, é basquetebol em sua pureza, jogado em céu aberto, nos parques, nas ruas, na chuva, no sol, criativamente, sem limites, sem tempo de se constranger, sem custos, livres de instruções e cheio de liberdade. Streetball é Basquetebol, nada muda, mas ao mesmo tempo é um mundo todo novo lá fora...* (sublinhado acrescentado).

Mas o que de fato é *streetball*? A organização MSF diz que há diferentes respostas. Primeiramente dizendo que é a alma do jogo. Segundo, que *streetball* é basquetebol e o que muda é o fato de ser jogado fora dos ginásios, mas essa

explicação não pára aqui para eles. Quando jogado fora dos ginásios, os jogadores deixam de lado os técnicos e as duras regras. Então os verdadeiros jogadores são os que jogam fora, levando consigo dois quesitos elementares do *streetball*, amor e liberdade. É claro que essa é uma visão totalmente romantizada. Bem... Ela deixa de ser quando levado em conta as emoções que cada jogador tem em relação ao jogo.

*Streetball é um mundo livre onde jogadores podem expressar eles mesmos e não ter que se preocupar com o técnico dizendo para ele ou ela o que é certo ou errado*¹¹.

-- Tim “Headache” Gittens (jogador de streetball)



Rucker Park

(Soul of the Game. Sem ano e página)

¹¹ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/headache.htm> (acessado em 03/12/2004)

Caracterizando os Ambientes

UNICAMP

As quadras da Unicamp estão dentro da própria universidade, mais especificamente dentro da faculdade de educação física (FEF). Localiza-se no Bairro Cidade Universitária, área nobre de Campinas-SP. São quatro quadras somente para a prática de basquetebol, porém os programas de extensão da faculdade as usam algumas vezes durante a semana (dias úteis) para atividades físicas como o tai-chi-chuan, aulas de step e outras.

Dentre as quatro quadras existe aquela onde os entrevistados mais gostam de jogar, que fica ao lado de grandes árvores e por isso é a primeira de todas a estar totalmente coberta com sombra durante a tarde. Geralmente as cestas estão com redes, e a quadra está em ótima condição para se jogar. A altura de um dos aros é menor do que a medida oficial, tendo aproximadamente 3 metros (ao invés de 3,05m). Ela é toda pintada, com linhas bem marcadas.

A facilidade dispõe de refletores, porém não são usados nos finais de semana. Além disso, apenas alunos autorizados podem pedir para que os refletores sejam ligados. Não há arquibancadas ao redor das quadras, mas uma cerca que evita da bola ir para avenida que passa próximo a quadra. Há também uma ambulância que a até agora nunca viram usar, mesmo quando precisou. A área é bastante arborizada e há locais próximos para se beber água (bebedouros).

A entrevista foi feita no dia 30/10/2004 às 19:00 horas com doze participantes.

Caracterizando os Ambientes

TAQUARAL

Este é um local muito freqüentado nos finais de semana. O Parque do Taquaral é o lugar onde estão as quadras de basquetebol dos entrevistados deste ambiente. Há muitas variedades de atividades como pesca, caminhadas, lanchonetes, passeios de bonde e pedalinho, planetário, espaço para ginástica, campos de futebol, quadras de hockey, skate, patins, voleibol e muitos outros. Algumas vezes circos ou parques de diversões são montados dentro do parque, que tem uma grande lagoa no meio.

O parque está compreendido entre alguns bairros da cidade de Campinas e está aproximadamente a sete quilômetros das quadras da Unicamp. Há três quadras de basquetebol, porém é apenas em uma que os entrevistados gostam de jogar.

A quadra está em boas condições para a prática do jogo, tendo boas tabelas, bons aros e redes de corrente, os quais são mais duráveis. Há bancos de cimento ao redor da quadra, mas longe o suficiente para que não aconteçam acidentes. Há também um local para se beber água, que fica próximo a uma das entradas ao parque, e pouco distante da quadra.

Um problema existente é a falta de uma cerca que separa a quadra de basquetebol da de futsal e voleibol, pois devido às suas localizações, em vários momentos do jogo a bola dos outros esportes invade o jogo.

Há refletores que acendem diariamente e permanecem ligados até às 22:00 horas, prolongando o período de acesso à quadra.

A entrevista foi feita no dia 06/11/2004 às 20:00 horas com cinco participantes.

Questionário Para Entrevista Semi-Estruturada

- 1- Por que vocês jogam basquete e não outro esporte qualquer?
- 2- Por que começaram a jogar basquete?
- 3- Amigo, parente ou?
- 4- Algum de vocês tem alguém na família que ainda joga ou já jogou profissionalmente?
- 5- Jogam por que são altos?
- 6- O que significa “jogar basquete” para vocês?
- 7- Quem daqui já jogou em algum torneio oficial, como ARB, FPB e outros?
- 8- Por que parou?
- 9- É difícil de retornar?
- 10- Você gostaria de ter uma nova chance para tentar jogar?
- 11- Quanto você gostaria de ganhar para jogar profissional, caso fosse?
- 12- Quanto tempo vocês possuem para jogar basquete por semana?
- 13- Quanto tempo vocês gostariam de jogar por semana?
- 14- Quanto é muito tempo sem jogar basquete para vocês?
- 15- Há quanto tempo vocês jogam aqui nesta quadra?
- 16- Quais são os horários de pico para se jogar aqui durante a semana?
- 17- Por que vocês jogam nessa quadra aqui de Campinas?
- 18- Vocês conhecem as outras quadras externas de Campinas?
- 19- Vocês conhecem alguém dessas quadras?
- 20- É difícil para alguém que vocês não conheçam venha aqui nesta quadra e jogue?
- 21- Há muitos estrangeiros que jogam aqui?
- 22- Vocês gostam de usar roupas “especiais” para a prática do esporte?
- 23- Vocês possuem alguma marca de roupa especial que você se sente bem para jogar ou que você simplesmente goste de vestir?
- 24- Vocês acham diferente o estilo de vocês jogarem comparado aos profissionais do basquetebol?
- 25- E com relação as pessoas que jogam em outras quadras externas aqui pela região?
- 26- Vocês se consideram jogadores duros? Há muita falta no jogo?

- 27- Qual é o tipo de jogada que mais excita o pessoal? Enterradas? Dribles? Bloqueios?
- 28- Vocês fazem campeonatos entre vocês mesmos ou com outros times?
- 29- Vocês gostam da condição que se encontra a quadra que vocês jogam?
- 30- Quem faz a manutenção da quadra?
- 31- Já houve alguma vez que a tabela quebrou ou o aro? O que foi feito?
- 32- O que vocês gostariam de ter mais aqui para que o jogo de vocês fosse mais legal ainda?
- 33- O governo ajuda?
- 34- Quem é que traz a bola?
- 35- Vocês possuem recordação de alguma jogada fantástica, ou simplesmente algo que nunca vão esquecer que aconteceu aqui? O que foi?
- 36- Alguém tem algum comentário extra para ser feito? Pode ser aquele que você desejar.

Transcrição da Entrevista Semi-Estruturada Realizada na Unicamp

Z – Então o negócio é o seguinte, já está funcionando lá! Eu vou fazer as perguntas, na verdade eu vou pedir pra vocês estarem se apresentando, só falem o nome, de onde você veio e a idade, tá? Só pra gente começar, por favor. E olha, isso daqui não vai demorar mais de 20 minutos, e se quiser ir embora entes; por favor, se sinta à vontade. Tá bom?

A – Parece aqueles bagulhos de empresa.

B – Ainda bem que ele falou 20... (risadas).

M – Meu nome é F R C, tenho 30 anos e atualmente moro em Souzas.

B – Eu sou o B, tenho 27 anos.

L – Sou o P tenho 24.

K – Sou K tenho 22.

Z – K, você é da França, né?

K – Sim.

Z – C! Vai C, pode falar!

C – Ah não!

J – Tá bom, sou Jefferson e tenho 19.

Z – Quer falar?

Ma – Tenho 25.

Ad – Tenho 20.

Z – Ad, você também é da França?

Ad – Sim.

P – Tenho 18.

D – Eu passo pro A.

A – Meu nome é A e tenho 24 anos. To na fita aí!

D – De onde você é, A, caramba?!

A – Sou lá de Hortolândia, periferia lá. Todo mundo fala mal, mas é um lugar bom.

Z – Não precisa todo mundo responder as perguntas que vou dizer, mas antes de responder, só pra depois facilitar pra mim, por favor, fala só o nome para na hora da transcrição estar me ajudando. Eu queria saber, as perguntas são bem gerais, por que vocês jogam basquete e não outro esporte qualquer? Por que o basquete?

L – Porque meu pai foi alto! (risos).

A – Porque o basquete vem de dentro, vem da alma, é vida.

M – *Eu jogava futebol, aí depois eu já não estava me adaptando mais ao futebol por causa do tamanho. Assistia NBA também, na época tinha um conjunto de amigos meus e aí nós começamos a jogar basquete. Deu certo também de entrar num clube, então no meu caso foi uma conjunção de fatores, desde a NBA, ao tamanho, comecei a pegar amor ao esporte.*

Z – M, e até hoje seus amigos jogam?

M – *A maior parte deles pararam.*

Z – Tá! Alguém mais quer comentar sobre? Por exemplo, no seu caso, P, você que não tem altura boa, já que ele citou o fator de altura.

P – *Eu comecei a jogar assim porque, é... Eu ia na minha escola a noite, as quadras abriam lá e aí a galera estava jogando basquete, comecei a jogar e ia lá todo dia a noite e os meus amigos iam tudo jogar basquete e comecei a jogar basquete.*

Z – Você é de Campinas?

P – *Não, sou de Hortolândia.*

B – *Outro ponto que é relevante aí, é se o pessoal joga só basquete ou outro esporte também, né?*

Z – Também... Ia chegar... Alguém joga além de basquete? Você joga? (se referindo ao K) Joga o quê?

K – *Eu jogo handball.*

M – *Futebol também, eu jogo futebol. Acho que todo mundo aqui já jogou futebol.*

Z – Alguém não jogou futebol?

D – *Eu não (risos). É verdade, eu não jogo mesmo. André já viu eu jogando...*

Z – Oh, o André tinha falado que vem de dentro o negócio dele jogar basquete. Alguém tem uma sensação parecida com a do André, acha que é uma coisa assim que, sei lá, acho que pra todos vocês que estão aqui traz prazer o fato de jogar basquete. Mas é assim como o André está falando?

M – *É veio, pra mim é uma terapia vir aqui de sábado, correr, cansar, suar...*

L – *Então por que você não joga vôlei?*

P – *Tirar o estresse também, né, Macarrão?*

M – *Tirar o estresse, né meu!*

A – *Você está no dia a dia durante semana, só no trampo só; chega o final de semana você quer um lazer. Jogar, correr um pouco... É legal.*

P – *(Risos) Sangrar...*

B – *T!*

Z – *Oi!*

B – *eu jogava futebol e vôlei, só que eu só torcia o pé, toda hora, aí eu mudei pro basquete e parei de torcer o pé.*

Z – Alguém foi influenciado por algum profissional, seja da família ou não...

M – Ah, eu fui. Meu padrasto ele era jogador de basquete e ele...

J – Ah, eu também, só que eu fui jogar... Levou eu pra jogar lá no Regatas.

A – Quem influenciou eu foi meu amigo Dg. Ele jogava, aí me chamou e aí eu chamei o D. D era zagueirão lá de Hortolândia.

D – Central.

M – D é zagueiro frustrado então (risos).

P – Ele era o back! (risos).

Z – A gente tem 12 aqui. Quem aqui já jogou em algum torneio oficial, seja federação, associação, quando eu falo de oficial é que jogou por algum clube e jogou esses campeonatos que tem aí nos clubes. Quantos aqui já jogaram?

M – Eu já.

Z – Você já jogou R? F? B? P? É, você jogou por Vinhedo (todos levantavam a mão simbolizando querendo dizer que sim).

L – Joguei jogos regionais, é associação.

Z – Regionais já é dentro do que eu estou perguntando. Já jogou K?

K – Não!

Z – C? Já? Então a gente tem aqui... Só dois não jogaram. É isso? É né? Eu vi francês... Ah... E por que pararam?

R – Eu to jogando ainda.

Z – Tá! Alguém mais está jogando?

P – Eu vou jogar ano que vem, né?

Z – Você vai jogar ano que vem...

P – Tem Regionais de novo.

Z – Ah tá! Jogam Regionais anualmente.

P – Claro.

Z – Por Hortolândia?

P – É! Sim (risos).

Z – Parece que o time está fechado! (risos).

P – Alguns não continuam a jogar direto porque uns têm que trabalhar, outros devido às condições financeiras, né? Nem todos têm a oportunidade de jogar em um time fechado.

Z – Não tem onde jogar? Alguém concorda com que o P está falando? Não tem onde jogar?

Ma – Quanto mais acesso você tiver, mais você vai jogar, é mais difícil esse negócio de vir...

J – Não dá pra você jogar e trabalhar ao mesmo tempo.

P – Em clube você está falando ou...

Z – Peraí! Em clube. Vamos supor, não só os Regionais porque de certo modo a gente consegue tirar uma semana do ano. Mas jogar regularmente, treinando todo dia...?

J – Não dá!

Z – Não dá? Não dá porque precisa trabalhar...

Alguns – É!

Z – Entendi! Então vamos supor que vocês ganhassem pra jogar, quanto você precisaria ganhar, você acha, pra se manter e ainda jogar?

A – Pelo menos um R\$1500.

Z – Ta! D, quanto você acha?

D – Concordo com o A, uns R\$1500.

P – R\$2000.

Z – Você mora com sua família, P?

P – Eu moro, com meu pai e minha mãe.

Z – Porque isso é às vezes o que vocês ganham no emprego de vocês ou ainda nem isso.

A – é nada, e ainda tem filha aí!

Z – então quem acha que, por exemplo, conseguiria jogar ganhando R\$500 por mês, e jogar?

L – E não fazer mais nada?

Z – É, viver dos R\$500.

M – Aí é complicado.

B – Não dá!

A – R\$500 é o preço de um tênis. Se precisar comprar uma roupa...

P – R\$500 vai só de passagem. Já pensou ter que catar dois busões pra ir treinar e voltar? Só de passagem...

A – E o rango, fica sem comida também.

Z – Então isso o que eu estou vendo é que vocês praticamente não têm tempo pra jogar semanalmente, então esse é o final de semana. Então esse é o dia, por exemplo, sábado e domingo.

P – Aos atletas de fim de semana.

Alguns – É! (risos).

Ma – Também o lugar que o pessoal se reúne pra jogar. Não adianta você querer jogar e não ter com quem jogar.

Z – E se fosse pra você escolher, poxa, gostaria de jogar “x” horas por semana. Vamos supor, jogamos aqui, sei lá, 4 horas, quanto tempo você gostaria de jogar, talvez, diariamente? Você gostaria de ter todo o tempo pra vir aqui bater uma bola?

M – Pelo menos uma hora e meia por semana eu gostaria, quer dizer, uma hora e meia umas três vezes por semana eu gostaria de jogar.

P – Eu treinaria numa boa quatro horas por dia.

Alguém – Fácil!

Z – Já que nós estamos aqui na Unicamp, por que a Unicamp? Por exemplo, vocês que são de Hortolândia, M que é de Souza, por que na Unicamp?

J – Eu acho que o nível do basquete aqui é bom, véio. Quer jogar aí vai, jogar aí com os caras que não sabem nem jogar. Não dá nem pra tocar.

A – Aqui você encontra um grupo que tem o mesmo nível que o seu e da pra jogar um jogo coletivo legal, uma quadra inteira que dá pra disputar mais.

Z – Algo mais também.

P – Não só o nível, veio, mas é que tem muito lugar que não dá pra jogar. Em Hortolândia não tem lugar pra jogar.

D – Em Hortolândia não tem...

Z – Entendi.

P e D – Não tem quadras.

D – As quadras que tem são fechadas.

L – É aqui em Campinas, você vai jogar onde, cara? Taquaral e aqui só.

Z – Por exemplo, já que vocês citaram outras quadras. Quem aqui conhece além da Unicamp, outra quadra?

Alguns – Taquaral. Só o Taquaral.

Z – Que mais?

M – Nova Europa, pinicão...

Z – Onde é o Pinicão?

M – Anchieta se não me engano.

A – Na Anchieta não...

Z – E por que não no Taquaral?

B – 31 de Março...

J – Muita panela lá.

M – Tem 31 de Março.

Z – Panela?

J – Você chega lá você perde um jogo, você nunca mais joga.

Z – Entendi! Aqui não tem panela?!

J – Até tem... Mas não como lá.

M – Mas eu acho, o que diferencia aqui, por exemplo, é que você vai no Taquaral e os caras acham que estão na final da NBA e faz aquelas panelinhas e se for pra bater nos outros eles batem.

Z – Então vamos pensar em uma coisa: Olha só, Vila Rica ainda tem basquete lá?

M – Tem!

Z – Olha só, suponhamos que vem um cara novo aqui e vocês nunca viram o cara jogar.

L – French guy.

Z – Vocês acham que ele tem fácil condição de jogar aqui, vocês vão deixar ele jogar?

M – Se ele souber jogar, aí tem exemplos oh!

J – Aí tem um!

Z – Você quer responder por essa? Você entendeu minha pergunta? (referindo-se ao Francês).

K – Sim.

Z – O que você acha, foi fácil de você chegar aqui e ser incluso no jogo?

A – Sim.

K – Sim.

Z – Foi fácil. Foi fácil pra você também K?

M – Tanto é que ele estava ali e tal, veio arremessar e gente foi até falar com ele: então, você entra na próxima rodada.

Z – E o que acontece, quando, se um deles, vamos supor, no caso, chegasse aqui e você visse que o basquete dele, que nem você falou, um basquete mais no nível, muito parecido. Se não fosse?

M – Naturalmente ele iria para a outra quadra, ou para a outra (risos).

Alguém – Aí queimaria, né?

A – Vai pulando! (Risos).

D – É a mesma coisa no Taquaral, vai pulando de quadra em quadra até achar.

A – Taquaral é assim cara!

D – Vai lá pra outra quadra oh! (risos).

J – O time fechou aqui...

P – Já era! Já era!

Z – Olha aqui, oh!

M – E mesmo assim a gente ainda convive na mesma quadra com pessoas que sabem nada de basquete ou jogar, mas continua, a gente...

Z – Com relação então a equipamento de jogo, vamos supor, tênis, né? Vocês têm alguma marca em especial que vocês gostam de jogar, ou algum jeito... Ah, eu gosto

de uma camiseta mais assim, eu gosto de jogar de regatas, gosto de bermuda longa ou bermuda curta, gosto de tênis da Nike, Reebok da And1? Alguém tem, faz questão de vir aqui pensando naquilo que vai vestir pra vir jogar?

Ma – *Tênis cano alto é essencial pra você não torcer o pé.*

L – *A bermuda tem que ser grande.*

B – *Eu não ligo não.*

M – *Bermuda grande...*

Z – *Então o tênis tem que ser pelo menos ¾ pelo menos. Tá, que não seja um All Star.*

Ma – *Que não seja um All Star...*

Z – *Entendi.*

A – *Já foi o tempo de ligar pra marca, já.*

Z – *Tem alguém que liga pra marca?*

M – *Tem um rebelde aqui!*

B – *Tem um rebelde aqui, eu não ligo pra marca e estou cagando e andando.*

Z – *Tá bom, B.*

A – *Eu gosto de dinheiro, muito dinheiro (risos).*

Z – *Agora questão de estilo de jogo. Vocês acham diferente o que vocês jogam aqui com relação que os, que se joga, por exemplo, nesses jogos fechados de clube. Existe muita diferença do jeito que vocês jogam aqui, do jeito que o pessoal joga em clube?*

Alguns – *Ah, tem! Existe...*

Z – *Que diferença? Você acha que não, M?*

J – *Aqui é rachão, pô! Cada um por si. Lá tem um técnico, um juiz, tem tudo aqui a gente não tem nada.*

P – *Lá os caras estão jogando mais técnico. Lá joga mais forte.*

A – *Não é tão sério...*

P – *Lá o jogo é mais forte, veio!*

Z – *Mais forte...*

P – *Lá o cara entra com mais força.*

J – *Você vai bater menos, tipo assim, você sabe que pode, se fizer cinco faltas você está fora, então não é qualquer bola que o cara vai bater.*

A – *E outra, você não vai pegar a bola e sair rasgando a quadra inteira, né? Vai ter mais...*

M – *Não sei cara...*

A – *Vai ter mais...*

L – *Seu jogo fica limitado. Se você é o armador, você vai armar a jogada...*

Z – *Vocês acham que o jogo de vocês é duro, então? Vocês jogam duro aqui?*

Alguns – Não!

Z – Tipo o cara vai pra cesta...

L – Só o S que joga (risos).

M – É, que machuca.

P – Oh, o D também pega pesado.

D – Depende do jogador... Depende do time.

L – Depende do dia, se estiver cinco a cinco e tiver os caras jogando...

J – É, se tiver pegado o jogo aí você vai bater.

Z – Então depende da condição, então? Por que, vamos supor, se tem vinte negos esperando do lado de fora...

J – Nossa, aí dá o sangue!

L – Daí pega!

J – cinco a cinco e você não quer sair de jeito nenhum.

Z – Então vocês acham que aqui tem menos falta que um jogo profissional, por exemplo?

Alguns – Mais falta!

Z – Mais?

Ma – Depende muito quem está jogando também.

J – Os caras não ligam de quebrar.

Ma – Tem vezes que nem a falta o cara pede.

Alguns – Verdade.

Z – Bom, com relação ao estilo, que tipo de jogada faz a galera “ahhhh”!!!

B – O prego!

J – A socada!

Alguns – O prego!

Z – Acho que isso, talvez, seja bem particular, né? Não sei, eu por exemplo acho que, um bloqueio ou um prego é a coisa mais da hora, mas vocês acham uma enterrada?

J – Ah, depende da enterrada.

A – Se for na cabeça!... Vai depender do lance, né? Se for um lance, um drible e depois uma enterrada, entendeu? Uma jogada que você tira o cara pra dar uma socada dada...

L – Chutar na cara! (Risos).

A – Vou trazer um trampolim pra ele (risos).

P – Eu também concordo.

Z – Ah, agora gostaria que vocês mesmos explicassem, apesar de eu saber, mas... Como vocês se organizam? Por que, por exemplo, só de sábado praticamente que rola

aqui, uma vez ou outra domingo, mas por que sábado? Justamente por causa daquilo, do tempo, ou...?

J – Ah, porque tipo assim, você trampa de segunda a sexta. Aí você joga no sábado tem o domingo pra descansar, aí você tem a segunda-feira depois...

A – Se machucar também pra poder trabalhar na segunda-feira (risos).

P – é tem isso também cara, você tá cansado, pode machucar.

A – É, torcer um pé...

Z – Entendi, então por exemplo, quem acha que se tivesse jogo amanhã viria jogar? O K, C, B não... E com relação à estrutura aqui, vocês gostam de como está a quadra?

M – É, teve um cara que destruiu o aro lá, botando um aro ridículo, mas...

A – Quem foi o cara?

J – Ah, eu acho que falta iluminação de noite.

Alguém – É verdade.

Z – E se existissem refletores da sábado, por exemplo?

J – Pô, daria para chegar mais tarde e também para ir embora mais tarde.

A – Bem da hora. Num dia quente assim como esse, bem legal para jogar mais tempo.

Z – Entendi. Então, vamos supor, eu vejo assim. Eu faço parte do grupo aqui mas, parece que domina o lugar para pegar a quadra que a gente quer. Tá certo que eu acho que quando a gente veio hoje não tinha ninguém, mas...

A – Tem que ver a galera também, se está a maior muvuca, tem três nego e os outros está em quinze lá, os caras não vão parar? Não dá.

B – A quadra era sempre aquela por causa da sombra. Aí depois que zoou os aros que o pessoal veio pra cá. Porque a quadra era sempre aquela.

*A – **Então, se tiver um grupo aqui a gente chega e fala...***

D – Vai jogar pra outra quadra (risos).

Z – Ou a gente faz um time e quem ganhar fica com a quadra.

A – Exatamente.

Z – E com relação à manutenção?

A – Unicamp.

J – Funcionários.

B – Tinha aquele japinha lá que... Como era o nome dele?

Z – O Mr?

L – Ele não faz mais.

B – É o Mr. Ele cuidava. Ele fez durante anos.

Z – Entendi. Ou seja, alguém que não é da Unicamp.

L – Eu já passei cimento naquela quadra lá.

Z – Alguém aqui já fez alguma coisa para manutenção aqui. Tipo, o L já fez.

M – Não, não, o L fez dê-manutenção (risos). Olha o aro lá.

L – Eu já pus cimento.

Z – O que vocês acham que falta aqui para que o jogo ficasse melhor? Por exemplo, uma coisa que você já falou é que se acendesse a luz aqui talvez ficasse melhor pra todos, para ficar mais tempo jogando. Mesmo porque hoje está super quente...

M – Quadra coberta.

A – Ah também um som também já ajudava, não é verdade?

J – Sonzão, refletor, colete (risos). Vamos falar então...

D – Fala para umas mulher vir aqui dançando e tal (risos).

J – Aro retrátil.

Z – Então é assim, o governo parece que faz uma manutenção pequena, pelo que vocês estão falando. Vocês já viram a Unicamp fazendo alguma coisa aqui?

A – Pintou a quadra.

M – Não, trocou as tabelas também.

B – Mas é uma vez por ano só.

J – Eu acho que também devia colocar aro retrátil.

B – É, eles sempre estão fazendo alguma coisa.

L – Não, não é sempre não.

B – É sim, uma vez por ano eles fazem alguma coisa. Pintam, cortam a grama.

L – Não, mas isso aí. Isso não dá manutenção direito.

M – Tem também o mínimo que cada um devia fazer aqui né.

Z – Quem aqui traz a bola?

P – Ah, o pessoal. Todo mundo. Quem tem? O F.

Z – C, você tem bola?

C – Tenho.

Z – O pessoal de Hortolândia trouxe bola ou não?

Alguns – Trouxe.

D – Mas roubaram uma já (risos).

A – Não é porque a gente mora em Hortolândia que rouba mano. É porque tava na quadra e...

Z – Então vai, eu acho que talvez se uns cinco falarem seria legal. Uma jogada que aconteceu aqui e que vocês nunca esqueceram.

L – Deixa eu falar uma.

Z – Antes disso, deixa eu perguntar: fala pra mim de novo o nome e há quanto tempo vem jogar aqui?

R – Uns dois anos.

Z – Dois anos. M?

M – Ah, é que tem um tempo que eu vim, há uns seis anos atrás, depois dei uns tempos, mas direto agora uns três anos.

Z – B?

B – Uns doze anos.

Z – Doze. L?

L – Direto assim uns seis.

A – uns dois meses.

Z – Desde que você chegou da França? C?

C – Um ano e meio acho.

Z – Desde que você chegou do Chile? Qual é teu nome mesmo?

Ma – Ma.

Z – Quanto tempo faz que você vem aqui?

Ma – Um ano mais ou menos.

Z – J?

J – Dois anos.

Z – Francês?

Ad – dois meses.

Z – K também desde que chegou da França? P?

P – Um ano e meio.

A – Uns dois anos.

D – Uns dois anos.

Z – Pronto, pode falar da jogada L.

L – Então esse ano, teve uma família que veio jogar aí (risos).

M – Eu sabia que ele ia falar isso.

L – Aí são tudo pivôs cara.

B – Qual que é a média de altura?

L – A média de altura é de dois pra dois e cinco.

Alguns – O loco.

L – Os três chegaram juntos e fizeram a panela, os três pivôs no mesmo time. Aí eles estavam jogando no arinho mais baixo defendendo ali, o Tg veio com a bola assim, pingou a bola no chão pra dunk, e os três tiraram o pé do chão, os três tentaram dar o toco no Tg e ele deu uma dunk na cabeça dos negos.

Z – Essa eu não vi.

M – Detalhe, ele andou né? (Risos).

Z – C, qual jogada que você viu aqui? Não teve nenhuma marcante? A?

A – Tem uma do D. Fala aí D, aquele do gordinho lá, do frutinha.

D – ah, eu dei um chapéu nele e fui e enterrei.

J – Pra mim o mais marcante foi num campeonato. Teve um campeonato aqui, uma trinca, e eu fiquei mó impressionado com um cara que ficou no meu time né.

B – Não diz o nome.

J – Pô, o cara mó empolgado, nós pegamos um time amador ali, que tinha uns amadorzinhos até que mais ou menos. Chegou na hora do jogo o cara falou assim pra mim. Ele correu cinco minutos e falou que não agüentava mais. Aí mandou a mina dele entrar no jogo, contra o Samuel. Aí a gente falou: Vai, entra aí mina.

Alguns – Fala aí.

J – Não, eu não vou falar quem é né. E ainda mandou eu chutar de três. O armador mandar o pivô chutar de três.

D – Tá bem a coisa hein?

J – Isso foi o que marcou.

Z – Alguém tem mais? B você tem alguma?

B – Eu lembro do Gf, não tem como deixar de falar dele. É um japoneizinho que...

L – Descreve ele.

B – Ele não treinava em equipe né. Ele era um japoneizinho magrelo, menor do que o Z. E ele usava um shorts menor do que o meu (risos). O cara jogava de óculos, fundo de garrafa, e o cara zoava os pivôs ainda. Os caras não pegavam ele nem a pau.

M – Ele falou uma jogada B.

D – A gente esperando a jogada...

Z – Tá bom. Agora um comentário aberto que você queira fazer, lembrando que isso aqui está indo para uma monografia que é aqui da Unicamp. Não se preocupem que não vai estar o nome de vocês aqui. Mas também isso seja um ponto ou início para que algo melhore para vocês ou que isso daqui propague de uma maneira que as pessoas... Porque no Brasil nós crescemos no futebol e tanto eu quanto vocês gostam muito de basquete. A gente dá um importância, talvez como o M falou é uma terapia e talvez porque a gente é, mesmo não sendo tão íntimo um com o outro, a gente brinca aqui. Se acontece alguma coisa não tem aquela...

D – Maldade.

Z – Oi?

D - Maldade.

Z – Isso. Então, se alguém quiser deixar um comentário, acho que seria relevante.

L – Fala aí M.

M – *Juntemos as mãos agora... (risos).*

Alguém – *Lê a Bíblia aí.*

M – *O que eu quero dizer, e acho que um monte de gente aqui também sente, é que o diferencial da Unicamp não é que o nível cultural de quem vem aqui seja mais elevado, mais é que aqui rola uma cordialidade. Se você bateu no outro, você vai e pede desculpa, a maioria das vezes, com algumas exceções.*

J – *O S.*

L – *Ele não tem maldade nenhuma.*

M – *O nível de camaradagem aqui é muito maior. Mesmo porque a maioria da gente não tem pretensão de jogar em clube e nada. Vem aqui pra se divertir mesmo, brigar contra a barriga, pra ver se emagrece.*

Z – *Então ninguém vem aqui pensando que vai ter um olheiro aí?*

M – *É, é o jogo mesmo, pra se divertir.*

A – *Pra se divertir, dar risada.*

M – *E, talvez poderia rolar um maior incentivo da Unicamp pra fazer uns campeonatos aqui. O próprio pessoal da Educação Física deveria estar mais aqui, tem um ou outro, isso aqui não é exemplo (se referindo ao L). Mas, já que a Unicamp tem essa estrutura e essa força com o pessoal da Educação Física, esse pessoal poderia estar de sábado atuando aqui. Hoje machucou um rapaz aqui que de repente poderia, sei lá, tem uma ambulância aí que não é de valia nenhuma, está aí parada. Então, eu acho que deveria ter uma política pública esportiva de sabadão aqui.*

Z – *Certo. E vocês, franceses, o que vocês vêm de diferente? Em dois meses, talvez vocês tenham tido algum choque cultural.*

M – *Põe o C na parada também.*

Z – *É, mas é que o C meio que já se acostumou com a gente, ele já está há quase dois anos aqui. Mas, principalmente os franceses. Gostariam de falar?*

K – *Eu acho que aqui é mais tranquilo.*

Z – *Mais tranquilo.*

M – *Mas por que aqui é mais tranquilo?*

Z – *Vocês já jogaram em outro lugar aqui K?*

K – *Não.*

Z – *Então vocês acham que essa amizade essa camaradagem que eles estavam falando é verdadeira?*

Ad – *Sim, é verdadeira. Diferente de França.*

Z – *Porque? O pessoal é mais frio ou não.*

Ad – *Sim mais frio.*

K – *É mais difícil de entrar no jogo.*

Z – Entendi. Então vocês entendem quando a gente fala panela né?

K – *Muito individualista.*

Z – *Muito individualista...*

B – *Se a gente fosse para lá você acha que a gente entraria no jogo deles lá?*

J – *Fácil (risos).*

Alguém – *Tirando eu...*

Z – *Se não fala francês, então de jeito nenhum (risos).*

A – *A gente chega lá e fala com o jeitinho brasileiro: vou jogar pô!*

M – *Mas lá é mais jogado do que no Brasil o basquete, por exemplo?*

K – *É.*

B – *Viu Z, outra coisa que eu queria falar também é que falta alguma coisa no sentido do pessoal que é mais carente e não tem tamanho, de repente... Não é um pivô natural. Deveria ter algo mais político de incentivo ao basquete como qualquer outro esporte. Uma coisa que falta nas praças é que tem um monte de praças com quadras esportivas, mas não tem ninguém que ensina a jogar nada. Então, tem um monte de menino que começa a jogar basquete, fica batendo bola com as duas mãos, passando por trás e passando com as duas mãos e continua batendo a bola, ninguém orienta. Então, eu acho que podia ter um incentivo nas praças esportivas pra ensinar a molecada, entendeu? Porque muita gente que foi começar a ficar mais ou menos depois de velho e já podia ter melhorado muito mais quando era criança.*

P – *A Ka tem um projeto lá em Jaguariúna, né?*

Alguns – *Sim.*

P – *Mas eu acho que falta um pouco também de exibições sabe. Por exemplo, no futebol sempre tem amistoso da seleção brasileira, amistoso do time do Ronaldo, entendeu? Eu acho que faltam essas exibições. Montar um time e jogarem em quadra, sabe, que nem a AND1 faz mesmo. Dá espetáculo e tal. Tipo, é importante o pessoal mostrar assim para ter interesse.*

Z – *Então, vamos só brincar aqui, antes da gente fechar. Vocês acham que se montasse uma seleção da galera que não joga em clube. Vocês acham que teriam condições de montar, por exemplo, uma série A2?*

Alguns – *Sim!*

M – *Eu dou o exemplo daquela cidade que a gente jogou aquele último lá, como é que chamava L?*

L – *Atibaia.*

M – *A gente pegou na final um time de A2.*

Z – *Que pegou o 3º lugar nos regionais.*

M – Que pegou o 3º nos regionais. Ganhamos dos caras. Parece que o time dos caras estavam desfalcado, mas mesmo assim...

Z – A gente jogou um campeonato que a gente acabou ganhando dos caras. Na verdade...

Transcrição da Entrevista Semi-Estruturada Realizada no Taquaral

Z – Então tá, vai ser assim. Eu vou perguntando e vocês se sintam à vontade para responder. Na verdade, eu primeiro queria saber o nome de cada um, a idade, há quanto tempo cada um joga aqui no Taquaral e acho que basicamente é isso daí. Aí, quando alguém for falar alguma coisa, porque isso vai me ajudar porque eu preciso transcrever depois a fita, aí fala assim: Eu sou o tal, e fala alguma coisa. Pode ser?

C – *C, 34 anos,(risos) jogo faz tempo, hein.*

G – *G, 27 anos, acho que deve fazer uns 10 anos que estou aqui.*

B – *B, 37 anos, 10 anos por aí.*

Ch – *Ch, 38 anos, acho que sou o mais velho da galera aqui e que freqüento esse Taquaral há mais de 20 anos.*

F – *F, 31 anos, freqüento aqui há 4 anos.*

Z – A primeira pergunta seria porque vocês começaram a jogar justamente basquete e não outro esporte?

Ch – *Eu acho que cada um tem uma resposta aqui hein véi!*

C – *São muitos motivos diferentes.*

B – *Eu era muito grande e então não conseguia jogar futebol e fui jogar basquete.*

Z – É mesmo? Por causa da altura então...

C – *Eu sou um caso diferente. Eu vim de um bairro que na minha época, 1980, só tinha ladrão.*

Z – Qual é teu bairro?

C – *Meu bairro é um bairro bom, só que eu era rodeado na época pela Georgina, uma favela. Eu era muito grande quando eu era pequeno. Aí apareceu um professor do Regatas na época e mudou o valor de tudo o que eu tinha e com 10 anos eu fui para o Regatas.*

Z – A maioria de vocês foi influenciada por algum amigo, profissional ou amigo que joga basquete?

Ch – *O meu foi, eu fui influenciado pelo meu irmão. Na época eu tinha uns 14 anos quando eu comecei a jogar basquete e o meu irmão já jogava, já esteve em alguns clubes aqui em Campinas.*

Z – O teu irmão foi profissional?

Ch – *Ele começou a brincar no Regatas aqui em Campinas, no Tênis também, mas depois parou no final dos anos 70 e foi a época que eu comecei a gostar de basquete. Eu vinha com ele aqui para as quadras. Na época eu praticava judô, fazia outros esportes, praticava atletismo e comecei a me interessar pelo basquete. E calhou dos Harlem Globetrotters*

naquela época virem para o Brasil. Eu vi uma apresentação deles pela televisão, meu irmão já era aficionado pelo basquete e comecei a gostar também. E eu fui crescendo e tal e foi isso o que aconteceu.

Z – Para a maioria de vocês, o que significa o ato de jogar basquete? É simplesmente uma diversão, tempo livre?

C - *Eu acho que o que eu vou falar talvez sirva pra muita gente. Pra gente isso aqui não é basquete, é uma questão de educação. Porque eu venho aqui, eu me aconselho com os caras aqui, e um ajuda o outro. Então eu acho que basquete vem como segunda opção.*

Ch – *E bem relacionado assim a um encontro de amigo, muito mais que com basquete. É vir aqui e se encontrar com os amigos, acabar com o estresse do trabalho, conversar sobre assuntos da nossa família, do nosso trabalho, do dia a dia.*

C – *Você sabe o que significa a palavra máfia? É uma reunião de amigos em que um confia no outro.*

Ch – *Então é isso.*

C – *É uma máfia.*

Z – De vocês aqui, quem já jogou algum campeonato oficial? Quando falo oficial pode ser ARB, federação...

Ch – *Vários de nós, eu nunca joguei profissionalmente...*

Z – Eu sei que o G jogou porque eu me lembro...

B – *Acho que daqui o único que não jogou fui eu.*

Ch – *Deixa eu dizer. Eu conheço daqui o C, eu lembro de ver ele jogar, ele era um pouco mais novo do que eu e eu via esse cara jogar e ele me arrastou muito para o basquete. E o G também jogar eu conheço. O B já jogou também, o F em Presidente Prudente. Então, tem muito jogador. O P que tá aí, também foi jogador.*

Z – O P talvez nem saiba, mas eu já joguei nesse time que ele está vestindo a camiseta.

Ch – *Limeira?*

Z – Joguei... Por que pararam? Ou alguém continua jogando?

F – *Eu parei pq fui estudar na faculdade.*

Ch – *Olha, o basquetebol que eu vejo, conversando aqui entre os amigos... Porque eu nunca joguei profissionalmente, eu acho que vou estar tirando palavras da boca dos outros, mas é frustrante você praticar um esporte como o basquete no Brasil. Brasil é um país que dá muito lugar ao futebol e outros que dão recursos financeiros para a mídia, e o basquete ainda não atingiu esse nível ainda aqui dentro do país. Então, as pessoas que praticam esse esporte e entram num time de primeira divisão, que é a A1, ganhando um salário aí de 600*

a 800 reais para dormir em um alojamento. Então a pessoa vai mesmo porque gosta do esporte, não porque tenha um salário bom ou retorno financeiro.

Z – Então vamos supor, se vocês ganhassem 600 a 800 reais para jogar num A1, vocês hoje jogariam?

C – O B não (risos).

B – Não porque eu já tenho uma posição.

Ch – Eu acho que eles, depois de uma certa idade, o que eu vejo aí é que eles, na faixa aí dos 15 anos até uns 21, 22 anos de idade, a capacidade física é muito grande e vão por qualquer dinheiro praticar.

Z – Você diz um pouco iludidos?

Ch – É, um pouco iludidos. Depois disso aí, quando eles começam a ter uma cabeça mais voltada para ser um homem de verdade, constituir uma família, eles vão ver que esse salário de verdade não vai nem para dar para se sustentar quanto menos uma família e aí acabam partindo para outra coisa.

Z – Entendi. Esse é o único dia que vocês jogam ou não?

C – Sábados, domingos e feriados.

Z – Então, praticamente é o tempo livre de vocês.

Alguns – Isso.

Z – Se vocês tivessem tempo durante a semana, vocês jogariam também?

Todos – Jogaríamos.

Ch – Pode perguntar, não fica com medo não.

Z – Beleza! Eu já fiz isso aqui lá na Unicamp. Agora, porque o Taquaral e não outra quadra?

C – Na Unicamp só tem fresco, aqui é mais contato. É mais divertido (risos).

G – Aqui tem mais rivalidade.

C – Aqui tem mais rivalidade, um nível maior que da Unicamp.

Ch – O basquetebol nosso é um basquetebol mais de contato, de mais força. Tipo que você assiste em NBA mesmo. Esporte que a gente gosta de ver. É um basquete de rua mesmo, e nas outras quadras é, em áreas assim mais nobres da cidade, como é o caso de Barão Geraldo, Unicamp, são freqüentadas por um nível social muito mais alto. Eles gostam de participar no que, em basquete de clubes, onde tem um juiz apitando, onde qualquer coisa é falta. E pra gente não, o contato é necessário.

Z – Tudo bem, você citou a Unicamp. Mas, que quadras mais vocês conhecem além do Taquaral?

C- Tem aquela lá que acho que todo mundo vai lembrar. É uma que está desativada, e era onde o maior racha que Campinas já teve: 31 de Março.

Z – A galera não joga mais lá?

B – Cobriram a quadra, reformaram ela inteira e ninguém vai lá.

Ch – É uma quadra assim... Eu morava nesse bairro e uns amigos nossos e a gente marcava todo o final de semana para ir pra lá, mas o pessoal do bairro mesmo que joga está morando em outras cidades com outras atividades aí, então a gente parou de freqüentar o bairro lá.

C – *Eu acho que inconscientemente nós acabamos fazendo um negocio assim. A gente gosta de um negocio de periferia porquê... Quanto tempo você mora em Campinas?*

Z – Desde que eu nasci.

C – Então você sabe que o basquete aqui é elitizado. Por isso que é uma porcaria. Campinas era pra ter três times em campo fácil.

Z – Desculpa interromper, mas eu acho que seria legal a gente falar disso aí, já que você comentou. Vocês acham que se a gente pegasse a galera que joga nas ruas, nas ruas entre aspas tá... De quadras e não de clubes, vocês acham que daria para montar um time tipo, A2?

Todos – *Não, não (risos), um time só não.*

G – Dois, até três.

B – *Um timinho chato de três.*

C – *Aqui em Campinas quem coordena basquete, até seu professor pode falar melhor, é uma porcaria. Quando ele sair da coordenação vai ser melhor.*

F – *Você está gravando isso aí, não está não? (risos)*

Ch – *Os clubes bons de Campinas que... O grande problema dos jogadores aqui é que todos eles sofreram com isso de alguma forma. Então todos eles aqui, eu vi C jogando com 15, 16 anos, nível norte americano para ir embora do país naquela época. Esteve no Corinthians, no Pinheiros, Regatas aqui em Campinas. Jogou no Minercal Sorocaba, jogou em tudo quanto é lugar que a gente pode imaginar e nunca foi valorizado porque os clubes na verdade priorizam os filhos de diretores. É, os que realmente estão contribuindo diretamente, quero dizer financeiramente para o clube. Temos o caso do S que não está aqui agora, um grande amador. E eu fui ver várias vezes ele jogar e quando o time estava perdendo ele era colocado na quadra para reverter a situação. No momento que ele revertia o técnico falava para ele: senta, porque o filho do diretor tal está aí e ele precisa jogar porque o pai dele está assistindo o jogo.*

Z – Há muitos jogadores estrangeiros que vêm aqui?

Ch – *Alguns.*

Z – E uma coisa agora, por exemplo, é fácil alguém chegar aqui e jogar? Digo, alguém que vocês nunca viram?

C – *Não, é difícil.*

Z– Assim, por exemplo, eu cheguei ali, fiquei sentadinho...

C – É que na verdade aqui é uma questão de atitude, entende? Tem que ter uma certa atitude para pedir para jogar.

Z – Entendi. Tem uma espécie de tradição da quadra.

C – Exato! É o que eu falei, a gente inconscientemente está fazendo uma coisa de periferia.

Z – Entendi. E grife de roupa tá? A galera, mesmo que inconscientemente, a gente pensa na roupa que a gente vai usar para jogar. É claro que eu acho que a maioria de vocês tem um tênis de cano alto ou médio para jogar. Vocês se preocupam com isso quando vêm para cá?

C – Lógico, lógico, é a vestimenta.

Z – Tipo...

B – *A gente repara e tal (risos).*

C – *Se, por exemplo, chegar alguém aqui a gente não vai chamar ele para jogar se ele tiver usando um tênis assim, sei lá, um tênis de futebol de salão. Tem que né...*

Z – Vocês me falaram que tá, o estilo que vocês jogam é de periferia. Então, o estilo do jogo de vocês é diferente de um jogo que tem o arbitro lá?

Alguns – *Totalmente diferente.*

Z – Mais gostoso?

Ch – *É muito mais gostoso, o jogo fica mais corrido.*

B – *Até o 21 aqui é diferente.*

Z – Vocês acham mais ou menos livre?

B – *Como assim?*

Z – Mais livres para fazer ou menos? Vamos supor, por não ter um arbitro vocês podem fazer mais coisas e tal, as coisas acontecem e as pessoas não falam nada e tal.

B – *Não, eu acho que o G que é da federação mais recente ele pode falar mais. Eu acho que quem joga aqui, para jogar numa federação é a coisa mais fácil do mundo. Quer queira quer não, você aprende recursos próprios, descer a lenha, meu!*

G – *É, isso aí mesmo.*

Z – Então vocês acham que aqui vocês têm um jogo duro? Vocês jogam pesado?

Ch – *É um jogo forte.*

Z – Tem muita falta, mais do que o comum?

Ch – *É muita falta, mais do que o comum.*

Z – Qual é a jogada aqui que mais anima a galera?

C – Sei lá, mas não ocorre muito é enterrada eu acho.

B – Meu estilo é dar passe. Curto dar o passe para os outros fazerem a cesta, já que eu não tenho o chute bom. Agora, eles não, eles já têm outros estilos.

Z – Agora, vamos supor, o cara passa a bola por baixo da perna dos outros. Isso é uma falta de respeito ou um espetáculo?

G – Pra nós é espetáculo.

C – Normalmente esse vem pra tomar.

F – Não sei não hein, pode ser falta...

C – Mas no jogo não sai muito enterrada não. A gente não deixa.

Ch – Tem que ser bom, tem que ser bom. Normalmente a gente vê uma galerinha aí, na hora do intervalo, que não joga muito bem, que fica enterrando aí a gente já avisa: quero ver no jogo se faz isso daí.

B – No jogo ninguém vai dar de mão beijada, mas também não é pra cortar no meio da enterrada. Aí não tem nada a ver.

F – Por isso que às vezes vem cara de fora e no meio do jogo, o cara vai enterrar e daí dá uma cama de gato... É pra deixar enterrar né. Se o cara foi para meu, enterrar é mérito dele.

Z – E campeonato? Além do rachão, além do encontro que vocês têm da máfia, vocês fazem uns campeonatinhos aqui, por vocês mesmos, ou não?

G – Não, é só encontro mesmo.

Ch - Às vezes existe a participação de alguns aqui em alguns encontros de streetball, ou a gente combina e se encontra para um joguinho de amigos em tal lugar e vamos lá. Mas campeonato mesmo não.

Z – E com relação à condição das quadras, você acha que está bom?

C – Isso aí eu acho que é mérito do seu R. O seu R tá aqui no Taquaral há mais de 60 anos eu acho, né??

Todos – É.

Z – Eu me lembro que o seu R jogava lá na Unicamp muito tempo. Eu não sei direito o que aconteceu lá naquela época, durante uns quatro ou três anos. Aí ele saiu e depois eu encontrei com ele aqui no Taquaral.

B – Eu comecei a vir aqui em 1985, o seu R já era velho.

Z – Mas é engraçado você falar isso porque lá na Unicamp a gente tem um senhor que jogava e não joga mais... O sr. R ainda joga aqui?

Alguns – Joga.

Z – Lá, no caso, ele está muito velho, tipo com uns 60.

B – Quem é?

Z – É o M, um japonêsinho, e ele cuida, ele que pintou a quadra, fez a linha dos três, ele que... É claro que lá ainda tem a própria Unicamp que tenta ainda fazer a manutenção.

Ch – É estranho mais eu queria dizer uma coisa. As últimas vezes que nós chegamos a ir na Unicamp, fomos lá para brincar e fomos até a Unicamp. A discriminação é tão grande que chegou uns três ou quatro negão num carro lá e os caras vão embora. Eles têm medo, não só dos negros que estão lá nas quadras, que para eles significa periferia, mas a gente sente no olhar deles assim. Mas também no jogo forte de contato. Mas nós temos lá uns amigos o Cc, de bigode e cavanhaque...

Z – Eu conheço o Cc. A gente jogou um street aqui, eu, o Cc e um outro carinha.

Ch – *Eu lembro, eu lembro. O Cc é um cara gente boa, que frequenta a quadra aqui, frequenta na Unicamp também e topa qualquer jogo. E o Cc é um cara que quando está com a gente lá o pessoal fica por causa dele. Se não, no máximo é um jogo e eles saem de fininho, pega a bola e vai embora. A gente fica sozinho lá, com as três quadras, fazendo arremesso.*

Z – Quem está indo ultimamente lá é o A e o P, que às vezes vêm pra cá.

Ch – *qual, o PC?*

Z – É.

Ch – E o A cabeludo.

C – Ele foi uns dias pra lá e já voltou cremoso (risos).

Z – Já houve alguma vez que a tabela quebrou e vocês: poxa, que chato?

C – *Não, aqui não.*

B – *Eu lembro que na minha época ela quebrou uma vez e caiu. Aí eu não conseguia colocar o aro e estava com vergonha.*

Z – Então o governo, além do seu R, ajuda aqui?

C – Eu acho que talvez um pouco.

Z – Qual seria uma nota de zero a dez pra administração municipal aqui?

Ch – *Essa administração municipal?...*

C – Eu acho que pelo fato da quadra estar assim, ser uma quadra pública, e ser frequentada por vários tipo de gente, eu acho que merece uma nota forte.

Z – Passou a nota, passou a média.

Ch – *De zero a dez, pra mim 5. Eu acho que poderia estar em muito melhor conservação. O piso já que faz parte de um dos pontos turísticos da cidade poderia estar bem melhor.*

B – *Mas eu acho que a quadra, a quadra mesmo Ch, é legal.*

F – *Lá em cima podia ser liberado mas não é.*

Z – O quê? O ginásio?

F – Isso, o ginásio.

Ch – É. O ginásio fica de enfeite para a cidade aí ó.

Z – Eu não sei se acontece isso mas, podia ter aqui assim uma cerquinha né, pra bola do futebol não ficar vindo aqui.

C – Tá demais isso. Ninguém agüenta mais esse negocio aí.

Z – Eu estava vendo o tanto de bola que vem aqui...

B – É lógico que poderia ser investido numa tabela e tal mas...

Z – Não, eu entendi. As condições estão... E com relação à bola, vocês trazem? Se ninguém trouxer ninguém joga?

Ch – Se não trouxer ninguém joga.

C – Tem gente que traz aí e não é escolhido por jogo mas é por bola.

Z – Vocês têm alguma recordação, alguma jogada q vocês falaram: eu nunca mais vou esquecer essa jogada. E aconteceu aqui?

B – Eu tenho uma da 31 hein. Eu tenho uma da 31 em cama de gato. O E, você lembra?

Ch – É, essa é inesquecível. Ele veio batendo bola assim pela lateral da quadra, aí o B estava marcando ele, o B subiu para dar um toco, ele subiu, passou a bola por baixo do braço como se fosse passar para outro, puxou a bola assim no ar e finalizou na tabela, no ar, no ar. O B subiu, ficou olhando para a bola.

C – A cravada do B também... Essa arrasou.

Z – Essa foi na 31?

B – É, na 31 de Março.

C – Outra que eu nunca esqueço também é que quando o LH tava jogando aí e todo mundo falava do LH. O primeiro ataque dele tomou um rodo do meio da quadra (risos) e todo mundo falava do americano.

Z – Eu sei quem é. Eu tenho uma cicatriz dentro da boca por causa dele. Eu tava jogando com o pessoal de Paulínia aí a gente tava jogando, pediram para eu marcar ele em Box. Aí ele girou lá dentro e tomei uma cotovelada na boca que nossa, parecia que eu tava vomitando.

C – Quem? O LH? Era um rodo mesmo hein.

Z – Aí ele ainda chegou para mim e falou assim: Você é muito pequeno para marcar grandões (risos). Então, só para a gente fechar então. Um comentário livre que vocês gostariam de fazer com relação a qualquer coisa. Basquete ou Taquaral ou, algum coisa relacionada aqui com vocês, com o que vocês falaram.

Ch – Não entendi.

Z – Algum comentário livre. Porque na verdade isso aqui vai fazer parte da monografia final da minha graduação e vai passar na mão de alguns grandes ali na

Unicamp que apesar de serem grandes às vezes não fazem muita coisa, é o que a gente ouve, ou o que parece às vezes (risos). Então, talvez o que vocês falarem vai poder ajudar ou não. Eu não sei qual vai ser a repercussão disso mas, se tiver alguma coisa que vocês queiram falar que pudesse estar ajudando a vocês a estar colaborando... Ou até como vocês falaram, o desejo que eu tenho no meu coração é fazer a galera ter a condição de fazer um time A2, por exemplo. Porquê sabe, se o ginásio está livre, junta a galera lá e pronto, tem um time. Mas tem que pagar a maior taxa de inscrição, tem que pagar o arbitro...

F – *Tem que pedir licença na prefeitura para usar a quadra.*

Z – *Quem sabe a prefeitura não pode ou a própria Unicamp bancar alguma coisa para que exista isso.*

G – *Eu acredito que isso possa acontecer, que a gente possa pedir espaço na prefeitura para usar a quadra. Só que eu acredito que a hora que isso começar a incomodar algumas pessoas, as pessoas grandes vão cortar daí. Porque vai incomodar.*

C – *Porque vão dar graduação para você? (Risos).*

G – *Mas é verdade, isso vai incomodar porque vai ter um time lá.*

C – *O que eu tenho para falar é o seguinte. É... Para esses grandes que vão te dar a graduação. Basquete não foi feito de moral, basquete é pra quem tem dom. Quem tem dom, felizmente pra gente somos nós aqui. Não é quem tem moral pra dar graduação para alguém. Só isso que tenho pra falar.*

Ch – *Eu quero dizer que no país que a gente vive é um país assim de muito trabalho e num trabalho que a gente está desenvolvendo na faculdade, eu descobri ontem que o brasileiro tem o dobro de trabalho do que as pessoas do Canadá e a gente tem metade dos problemas de estresse que eles têm. O brasileiro está sempre disposto a trabalhar, é um povo que está acostumado a sofrer. E a gente vê tantos programas que a gente vê exibindo, programas de drogas e eu acho que isso poderia ser uma saída. Não aquele esporte apenas direcionado para o retorno financeiro da mídia, como eles têm feito muito, propagandazinha de vôlei, porque o vôlei foi campeão. Ou mesmo do Guga, porque o Guga foi campeão e abrem várias academias de tênis por aí. Mas sim montar alguma coisa assim como se fosse Fidel Castro mesmo. Cuba direciona as crianças desde pequenas nas escolas, em campeonatos entre as escolas, pra incentivar a garotada a praticar o esporte e chegar na idade de 14, 15 anos ele posse ser um atleta profissional, visualizar o futuro dele e ter oportunidade.*

C – *Aqui em Campinas, a realidade é uma só. Garotos como eu fui, como o G foi, que tivemos mais tempo de federação... usando uma palavra bem objetiva, a gente foi substituído.*

G – *Grava direito aí.*

C – A gente tem casos aqui, como um amigo nosso, p Cl que foi um dos melhores jogadores da região Oeste dos EUA.

G – Teve que ir embora do Brasil pra ser alguém.

C – Exatamente. É aquele negócio, a prostituição aqui é só pra quem traz dinheiro, vai ser diferente nunca.

Ch – O Md que foi para a seleção italiana. Graças a Deus que ele foi para lá, porque no Brasil não teve oportunidade.

C – Eu lembro que na época, quando ele recebeu o convite para ir para a Itália, ele sentou comigo, com o Ax, que era o que tinha mais tempo no Regatas, para falar o que ele achava. Então falei: vai, porque aqui não vai conseguir nada. Por quê? Porque ele ia ser uma outra puta. Eles só iam usar o cara até não poder mais e pronto.

Ch – Ia ser só mais um...

F – Eu que cheguei há pouco tempo, vim de uma cidade de 150 000 habitantes e o basquete já movimentou muito lá a cidade.

Z – Qual era a cidade?

F – Presidente Prudente.

C – E como movimentou né?

F – Eu joguei muito tempo lá e daí eu vim para cá e conversei com muitos amigos meus que disseram que é desperdício a cidade de Campinas não ter um time. Tem um amigo meu que foi embora, ele vai montar um time lá em Prudente e a gente estava pensando em montar um time aqui. Porque, pô, tem cara bom pra caramba. E não quero mais jogar basquete, eu quero assistir basquete. Mas a gente não consegue, é triste. Eu cheguei e assisti alguns jogos acho que do próprio Regatas, e eu cheguei e não conhecia ninguém, o G acho que jogava lá e o D, mas ele estava sentado.

B – É a história da prostituição, que é só pelo dinheiro. Quem é gigolô, sempre vai ser gigolô, nunca vai querer ver aquilo que instituiu querer fazer alguma coisa. Vai ter sempre esse sentimento de gigolô.

F – Então a gente fica triste mesmo. Se você parar pra contar aí, se tivesse um campeonato municipal teria pelo menos uns seis jogadores para brincar municipal. Não só para jogar A2, de A2 você teria uns 30 caras de início. Tem muito cabeça de bagre aí jogando... Porque lá em prudente você tem umas cinco quadras cobertas, com aro retrátil, tabela de acrílico para você bater bola. Aqui, cara, estou quatro anos aqui e não pus o pé naquela quadra (se referindo ao ginásio do Taquaral).

G – Aqui você tem, mas não tem acesso, tem que alugar uma quadra pra poder usar por um tempinho.

F – o G foi para Prudente ele viu o que tem de quadra lá.

Ch – *Pequenas cidades ao redor de Campinas aqui têm muito mais basquete do que Campinas. Piracicaba, Casa Branca...*

F – *E outra, o que tem de universidade aqui que poderia estar apoiando... Bolsa de estudo...*

Ch – *Ninguém da apoio.*

G – *É verdade mesmo.*

Ch – *Itatiba mesmo, onde o Gustavo estava jogando há pouco tempo.*

B – *São Carlos também.*

Ch – *Pois é, e Campinas aqui desse tamanho, com um milhão de habitantes.*

Z – *Atibaia está com um time lá.*

Ch – *Tá também.*

Z – *Mas quer saber uma coisa engraçada. Eu joguei um campeonatinho antes dos regionais com o time de Atibaia lá. Teve seis times. A gente pegou uma galera lá da Unicamp. O T, tá ligado, que joga no Regatas? O Mc... Tinha mais um pivô aí eu baixinho aqui fomos lá e ganhamos deles.*

G – *E os caras nem falaram pra mim (risos).*

Z – *Mas foi engraçado. O pivô era o Sm.*

Temas Apontados e Selecionados das Entrevistas Para Explicação

Estes temas foram escolhidos a partir de comentários feitos em ambos os locais de entrevista.

Começando a Jogar...
Influências, Há?
Exibições: São Necessárias?
Quando Jogamos?
Qual o Significado de Jogar Basquetebol?
Amor ao Jogo X Amor ao Dinheiro
A prática do Basquetebol Organizado
Rixas e Estilos Diferentes
O Nível do Seu Jogo
<i>Outdoor X Indoor</i>
Quem Pode Jogar?
Que Roupas Devo Usar?
Liberdade no Ato de Jogar
Cuidando da Facilidade
Jogadas Inesquecíveis
Apoiando o Jogo

1- Começando a Jogar...

Todos nós sabemos que cada ser humano possui uma diferente história de vida. Mas é claro que não podemos negar que muitas afinidades de um determinado grupo podem ter saído de uma idéia comum. Não é diferente quando pensamos em como cada pessoa começou a desenvolver determinada simpatia por jogar basquetebol.

Durante a entrevista notamos algumas semelhanças nas respostas dos dois ambientes:

B – *Eu era muito grande e então não conseguia jogar futebol e fui jogar basquete (Taquaral).*

C – *Eu era muito grande quando eu era pequeno (Taquaral)...*

M – *Eu jogava futebol, aí depois eu já não estava me adaptando mais ao futebol por causa do tamanho (Unicamp).*

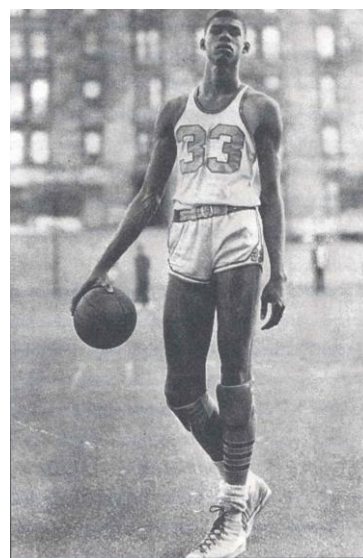
Tivemos também uma resposta irônica relacionada à questão da altura:

L – *Porque meu pai foi alto! (risos - Unicamp). O rapaz que deu essa resposta tinha aproximadamente 1,75 metros de altura.*

A altura tem sido um fator de escolha para se praticar basquetebol. Não é por menos que a média de altura dos jogadores parece estar cada vez maior. Telander (2004), escreveu em uma de suas colunas para o jornal *Chicago Sun Times*: *o basquetebol está sendo assaltado por estrangeiros cada vez mais altos, e não é apenas por extravagantes como Yao Ming de 2,28 metros de altura.*

Isso não é incomum. Muitas pessoas praticam natação, por exemplo, porque foram diagnosticadas com bronquite ou asma (MOISÉS, 1993, pg. 116).

O basquetebol é um esporte onde a altura, de fato, é um elemento importante. Jogadores que marcaram a história do basquetebol possuíam uma ótima altura, além de suas habilidades extraordinárias: Larry Bird 2,10m (ala), Michael Jordan 2,01m (armador), Ervin “Magic” Johnson 2,10m (armador) e Kareem Abdul-Jabbar 2,19m (pivô)¹².



O jovem Kareem Abdul-Jabbar de 2,19m
(*Asphalt GODS* pg. 97)

¹² Dados do endereço eletrônico oficial da NBA: www.nba.com

2- Influências, Há?

Além do fator altura, alguns dos entrevistados responderam que foram influenciados por:

C – *Aí apareceu um professor do Regatas na época e mudou o valor de tudo o que eu tinha... (Taquaral).*

Ch – *eu fui influenciado pelo meu irmão (Taquaral).*

Ch – *E calhou dos Harlem Globetrotters naquela época virem para o Brasil (Taquaral).*

M – *No meu caso foi uma conjunção de fatores, desde a NBA, ao tamanho, comecei a pegar amor ao esporte (Unicamp).*

P – *comecei a jogar e ia lá todo dia a noite e os meus amigos iam tudo jogar basquete e comecei a jogar basquete (Unicamp).*

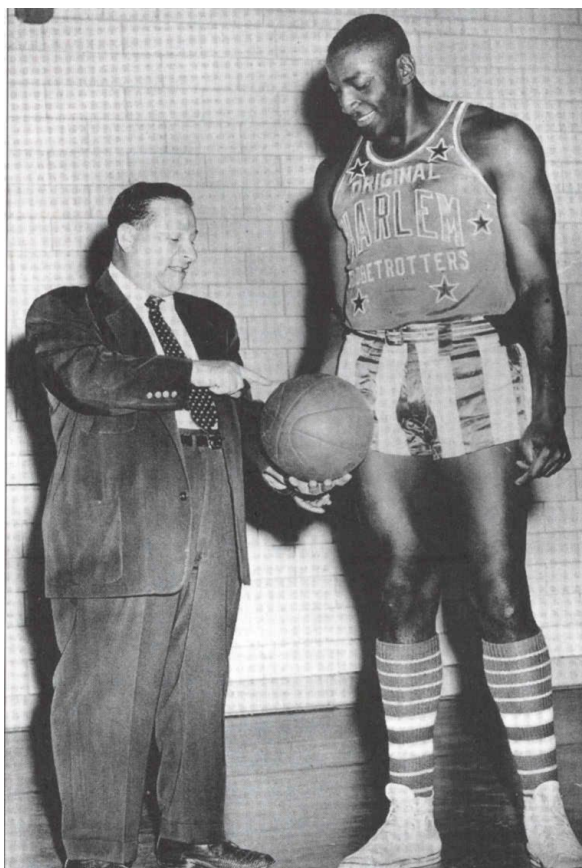
M – *Meu padrasto ele era jogador de basquete (Unicamp).*

J – *Ah, eu também... (Unicamp). Este é irmão do M.*

A – *Quem influenciou eu foi meu amigo... (Unicamp).*

Vários podem ser os motivos que influenciam os jogadores de basquetebol. Neste caso em específico notamos alguns como:

- 1- Tamanho: *vide capítulo anterior*;
- 2- Professor: no caso do C, ele diz que foi o professor que mudou muito dos valores que ele possuía. Provavelmente esses valores adicionados em sua vida o levaram, através do basquetebol, à nova vida. Não é uma simples coincidência termos o professor que mais gostamos nos dando a matéria que mais gostamos.



*Abe Saperstein (esq.), organizador do time Harlem Globetrotters e Tom "Tarzan" Spencer (dir.).
(Black Hoops pg. 67)*

- 3- Harlem Globetrotters e NBA: estes dois itens são, na verdade, parte da influência midiática. Conforme palavras de Ch (Taquaral) e M (Unicamp), o

time da Harlem e o campeonato americano NBA foram pontapés importantes para que eles tomassem gosto pelo esporte.

- 4- Parentes: não é raro também encontrarmos pessoas próximas como pais e irmãos influenciando seus parentes para jogar o mesmo esporte que antes eles jogavam.
- 5- Amigos: diga-me com quem tu andas e lhe direis que esportes tu praticas.

3- Exibições: São Necessárias?

Nos dois ambientes foram citados os fatores de exibicionismo. Apesar de terem sido citados em momentos diferentes durante a entrevista, o propósito em ambos os casos foi o mesmo: a influência.

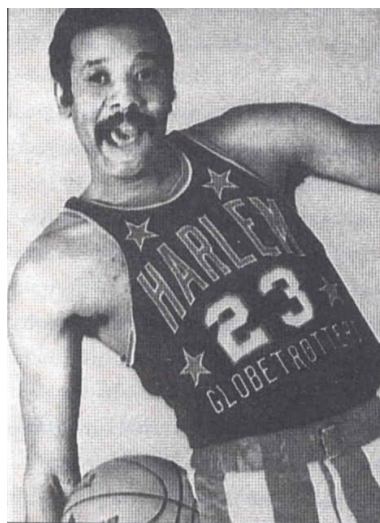
Ch – *E calhou dos Harlem Globetrotters naquela época virem para o Brasil. Eu vi uma apresentação deles pela televisão, meu irmão já era aficionado pelo basquete e comecei a gostar também.*

P – *Eu acho que faltam essas exibições. Montar um time e jogarem em quadra, sabe, que nem a AND1 faz mesmo. Dá espetáculo e tal. Tipo, é importante o pessoal mostrar assim para ter interesse.*

Não há como um jogo sobreviver ou ser propagado sem divulgação. O próprio surgimento do basquetebol é marcado com a divulgação do jogo pelos alunos que primeiro jogaram o esporte. Eles levaram consigo as regras e a idéia do jogo durante as férias.

Os dois entrevistados citaram dois elementos mundialmente conhecidos: o time Harlem Globetrotters¹³, organizado por Abe Saperstein em 1926, e a grife norte-americana AND1, que ganhou muito espaço depois do lançamento do seu primeiro vídeo de streetball em 2001.

Harlem Globetrotters¹⁴: *se há alguma coisa que possa excitar uma torcida de basquetebol, são passes e dribles incríveis*, disse McKissack (1999, pg. 66) quando se



Jumping Jackie Jackson

referia a este time. Adicionando palavras a McKissack, enterradas espetaculares onde parecem que os jogadores simplesmente ignoraram a lei física da gravidade, bloqueios de arremessos que mandam a bola para a torcida no “terceiro andar” também fazem a torcida delirar. Tudo isso podemos ver no show do jogo do Globetrotters, que na verdade não passa de um circo onde os palhaços são os próprios jogadores, ou melhor ainda, os jogadores adversários. Eles jogam ao som da

música “Sweet Georgia Brown”, e mesmo sendo um

¹³ *Curiosidade: o time de harlem foi originalmente um time da cidade de Chicago e não de Nova York, e chamava-se Original Chicago Globetrotters.*

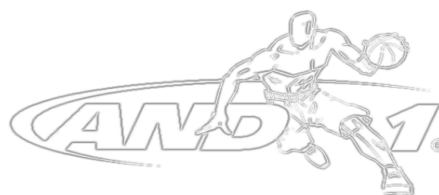
¹⁴ *Figura adquirida em: Asphalt GODS, pg. 69.*

jogo armado, onde a vitória certa é deles, ginásios ficam lotados para ver o espetáculo.

AND1: esta é uma grife de calçados e roupas que teve seu boom no início deste século. Seu marketing está todo investido na cultura do basquetebol, principalmente o *streetball*. *Skip foi aquele que revitalizou o streetball*, disse Big Mike para o autor Chris Palmer (2004, pg. 45). *Quando já não era mais popular no final dos anos 80 e início dos anos de 90, ele deu aquela luz e fez pessoas da comunidade local se interessarem pelo jeito que as pessoas jogavam nos anos 60, quando Goat e Joe Hammond jogavam. Streetball está onde está agora por causa de Rafer Alston jogou o jogo... como ninguém.*

Para entendermos um pouco mais, Skip, ou melhor, Skip To My Lou, é o apelido de Rafer Alston, atual jogador da NBA. Ele foi o jogador que trouxe de volta o estilo dos antigos jogadores de rua como os dois citados por Big Mike, conhecidos como lendas do basquetebol de rua, quando ainda jogava nos campeonatos de verão em Rucker Park. *Eu acho que ser uma lenda é: uma criação indelével, uma impressão de uma vida toda na mente dos expectadores... se sobressair como um jogador profissional de basquetebol. Estar no Hall of Fame, não te faz uma lenda da rua*, diz Pee Wee Kirkland, lenda viva do basquete de rua, no livro *Soul of the Game* (HUET, sem ano e página).

A junção de Skip To My Lou, a revista especializada em basquetebol SLAM e a marca AND1¹⁵, fizeram um renascimento do basquetebol jogado nos anos 60, onde humilhar o adversário era parte do jogo: *Há muita humilhação no parque. Antes de finalmente você fundar sua reputação, você tem que sofrer muito. Eu fui humilhado tantas vezes que me acostumei. Mas era uma daquelas coisas, ou você se sujeitava à humilhação, ou deixava o parque*, disse Jay Vanghn, jogador de rua dessa época (AXTHELM, 1970, pg. 24).



Os entrevistados sabem que há uma necessidade da apresentação do espetáculo. O interesse em jogar basquetebol pode também nascer de pessoas que almejam ser astros do jogo.

Ser como Mike (Michael Jordan) já era o sonho de muitos jovens atletas ao redor do globo
(McNutt, 2002 pg. ix).

¹⁵ Figura adquirida em: www.pollerssport.be/hyperlinks.htm

4- Quando Jogamos?

Taquaral:

Z – Esse é o único dia que vocês jogam ou não?

C – *Sábados, domingos e feriados.*

Z – Então, praticamente é o tempo livre de vocês.

Alguns – *Isso.*

Z – **Se vocês tivessem tempo durante a semana, vocês jogariam também?**

Todos – Jogaríamos.

Unicamp:

Z – Então isso o que eu estou vendo é que vocês praticamente não têm tempo pra jogar semanalmente, então esse é o final de semana. Então esse é o dia, por exemplo, sábado e domingo.

P – *Aos atletas de fim de semana.*

Alguns – *É! (risos).*

Ma – *Também o lugar que o pessoal se reúne pra jogar. Não adianta você querer jogar e não ter com quem jogar.*

Z – E se fosse pra você escolher, poxa, gostaria de jogar “x” horas por semana. Vamos supor, jogamos aqui, sei lá, 4 horas, quanto tempo você gostaria de jogar, talvez, diariamente? Você gostaria de ter todo o tempo pra vir aqui bater uma bola?

M – *Pelo menos uma hora e meia por semana eu gostaria, quer dizer, uma hora e meia umas três vezes por semana eu gostaria de jogar.*

P – *Eu treinaria numa boa quatro horas por dia.*

Alguém – *Fácil!*

Tempo livre. Essa é a palavra chave para estes atletas de fim de semana como eles próprios se denominaram. Estes jogadores não estão lá para jogarem em clubes como profissionais e ganharem dinheiro...

M – *...a maioria da gente não tem pretensão de jogar em clube e nada. Vem aqui pra se divertir mesmo, brigar contra a barriga, pra ver se emagrece.*

Z – Então ninguém vem aqui pensando que vai ter um olheiro aí?

M – *É, é o jogo mesmo, pra se divertir.*

A – *Pra se divertir, dar risada.*

O tempo livre deles se resume aos sábados, domingos e feriados, dias estes em que eles podem praticar o jogo. É nos finais de semana, principalmente, que podemos encontrar maior volume de jogo. Em vez de jogarem apenas meia quadra, o que

geralmente encontramos quando não são esses dias que vamos à quadra, eles jogam quadra toda (ou inteira), já que o número de jogadores pode passar do suficiente para se fazer vários times. No caso da Unicamp, eles jogam mais de sábado do que de domingo e argumentam o porquê.

Z – Por que, por exemplo, só de sábado praticamente que rola aqui, uma vez ou outra domingo, mas por que sábado? Justamente por causa daquilo, do tempo, ou...?

J – *Ah, porque tipo assim, você trampa de segunda a sexta. Aí você joga no sábado tem o domingo pra descansar, aí você tem a segunda-feira depois...*

A – *Se machucar também pra poder trabalhar na segunda-feira (risos).*

P – *é tem isso também cara, você tá cansado, pode machucar.*

A – *É, torcer um pé...*

Z – Entendi, então por exemplo, quem acha que se tivesse jogo amanhã viria jogar? O K, C, B não...

Eles sabem e dão valor ao ofício que possuem. Sabem que não é o basquetebol que lhes dá o pão de cada dia. Mesmo assim, é possível encontrar bons dias para se jogar de domingo nas quadras da Unicamp.

A vontade de cada um deles é poder jogar o maior tempo possível, algo que fica impossibilitado pela falta de ócio. Demonstram o desejo pelo jogo quando, por unanimidade, almejam poder jogar mais tempo além daqueles dias que são possíveis. Outro assunto levantado foi quando o Ma disse que aquele era o lugar que ele sabia onde as pessoas se encontravam para jogar. Ele sabia que muitos lugares na cidade, mesmo tendo facilidades para a prática de basquetebol, por alguma razão, já não são tão freqüentados. Um exemplo disso é a própria quadra localizada no bairro Nova Europa, que mesmo tendo uma quadra para basquetebol já não tem mais praticantes assíduos¹⁶. Do mesmo modo a quadra do Bairro 31 de Março:

Z – Mas, que quadras mais vocês conhecem além do Taquaral?

C- *Tem aquela lá que acho que todo mundo vai lembrar. É uma que está desativada, e era onde o maior racha que Campinas já teve: 31 de Março (Taquaral).*

Essa é mais uma regra do jogo: venha quando todos vêm!

¹⁶ Nova Europa foi um dos locais escolhidos para se obter a entrevista, porém, não foi possível realizá-la por não ter mais jogadores praticantes de basquetebol, como disse um dos que ali estavam aguardando para jogar futebol.

5- Qual o Significado de Jogar Basquetebol?

Streetball não é apenas algo sobre as ruas ou sobre o jogo, é sobre oportunidade e liberdade¹⁷.

Basquetebol nos EUA é uma devoção de muitos jovens atletas negros e esse fascínio pelo jogo tem, de certo modo, conquistado algumas almas brasileiras. Veja alguns comentários de Wideman, autor de diversos livros, inclusive um de basquetebol, que jogou basquete nas quadras externas toda sua vida: *Eu preciso do jogo mais do que o jogo precisa de mim* (pg. 4). *Medo e amor, amor e medo aumentam os riscos do jogo* (pg. 7). *Aqui está o paradoxo: basquete te liberta para jogar te colocando em uma gaiola de verdade. O basquete não é como o amor entre pessoas do mesmo sangue que você conhece e ama. Você aprende basquete. Então, você se apaixona* (pg. 17). Poderia continuar com muitas citações aqui, mas o basquetebol não é só isso.

A quadra de basquete sempre foi meu refúgio.

Era onde eu ia quando eu precisava ir para algum lugar achar a resposta de algum problema, ou mesmo apenas acalmar minha mente¹⁸.

- Michael Jordan.

O jogo pode ser para muitos um lugar de relaxamento psicológico, um lugar onde podemos rever nossos amigos mais íntimos e até mesmo ser o meio para se perder alguns quilos extras.

Unicamp:

Z – Por que o basquete?

A – Porque o basquete vem de dentro, vem da alma, é vida.

Z – Oh, o André tinha falado que vem de dentro o negócio dele jogar basquete. Alguém tem uma sensação parecida com a do André, acha que é uma coisa assim que, sei lá, acho que pra todos vocês que estão aqui traz prazer o fato de jogar basquete. Mas é assim como o André está falando?

¹⁷ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/streetballescape.htm> (acessado em 05/12/2004).

¹⁸ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/streetballescape.htm> (acessado em 19/11/2004).

M – *É veio, pra mim é uma terapia vir aqui de sábado, correr, cansar, suar...*

L – *Então por que você não joga vôlei?*

P – *Tirar o estresse também, né, Macarrão?*

M – *Tirar o estresse, né meu!*

A – *Você está no dia a dia durante semana, só no trampo só; chega o final de semana você quer um lazer. Jogar, correr um pouco... É legal.*

P – *(Risos) Sangrar...*

M – *Vem aqui pra se divertir mesmo, brigar contra a barriga, pra ver se emagrece.*

Taquaral:

Z – *Para a maioria de vocês, o que significa o ato de jogar basquete? É simplesmente uma diversão, tempo livre?*

C – *Eu acho que o que eu vou falar talvez sirva pra muita gente. Pra gente isso aqui não é basquete, é uma questão de educação. Porque eu venho aqui, eu me aconselho com os caras aqui, e um ajuda o outro. Então eu acho que basquete vem como segunda opção.*

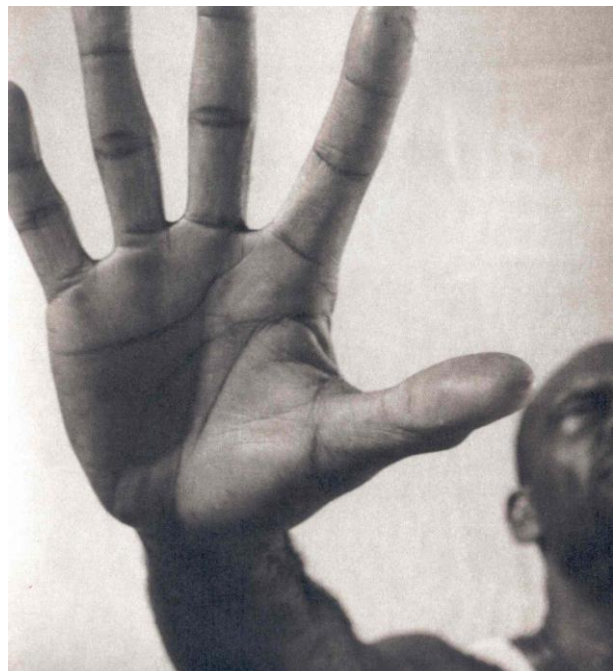
Ch – *E bem relacionado assim a um encontro de amigo, muito mais que com basquete. É vir aqui e se encontrar com os amigos, acabar com o estresse do trabalho, conversar sobre assuntos da nossa família, do nosso trabalho, do dia a dia.*

C – *Você sabe o que significa a palavra máfia? É uma reunião de amigos em que um confia no outro.*

Ch – *Então é isso.*

C – *É uma máfia.*

No Taquaral o basquetebol era algo secundário. Era um meio para que os atletas pudessem se manter em contato. A amizade entre eles é o principal motivo de estarem jogando. Apesar de máfia não ser um grupo de amigos, mas sim de criminosos, a confiança é o alicerce do grupo, a ponto de se tornarem íntimos, aconselhando uns aos outros. Os entrevistados da Unicamp disseram que jogar de sábado era um meio de aliviar o estresse do trabalho. O estresse do trabalho foi um ponto comum entre os dois ambientes.



Soul of the Game (sem ano e página)

*As expectativas da sociedade nos dão duas escolhas: conformar ou rebelar e fugir. Mas realmente, o desejo mais natural é experimentar a liberdade, o qual é a razão do porquê as pessoas precisam fugir de seus dia-a-dia de trabalho(...) Religião é uma fuga poderosa, e assim como a religião, o esporte é extremamente poderoso*¹⁹. Na Unicamp, um dos entrevistados romantiza o que é jogar basquetebol para ele, dizendo que é vida.

É fácil notar que em ambos os ambientes palavras ou sentenças de alto escalão foram utilizadas como “questão de educação” e “máfia” (Taquaral), e “terapia” (Unicamp). Apesar de toda a força expressiva que essas palavras trazem a ironia do entrevistado L (Unicamp) é de fundamental importância:

L – Então por que você não joga vôlei?

Por que o basquetebol? Se os jogadores do Taquaral querem se reunir para rever os amigos, por que não jogam truco? Se os jogadores da Unicamp querem suar, aliviar o estresse com práticas esportivas, por que não jogam futebol? Por de trás de cada pessoa existe uma história. Nessas histórias está incluso algo que não pode ser medido cientificamente, mas que está lá, e dá muito prazer para estas pessoas fazerem.

*Assim, quando a ciência diz: “isso não é científico”,
é preciso ter em mente que, para muitos outros estômagos,
aquilo é comida, comida boa, gostosa, que dá vida, que dá sabedoria.*

-- Rubem Alves (2000, pgs. 90 e 91)

¹⁹ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/streetballescape.htm> (acessado em 05/12/2004).

6- Amor Ao Jogo X Amor Ao Dinheiro

Taquaral:

C – *Então , as pessoas que praticam esse esporte e entram num time de primeira divisão, que é a A1, ganhando um salário aí de 600 a 800 reais para dormir em um alojamento. Então a pessoa vai mesmo porque gosta do esporte, não porque tenha um salário bom ou retorno financeiro.*

Z – Então vamos supor, se vocês ganhassem 600 a 800 reais para jogar num A1, vocês hoje jogariam?

C – *O B não (risos).*

B – *Não porque eu já tenho uma posição.*

Ch – *Eu acho que eles, depois de uma certa idade, o que eu vejo aí é que eles, na faixa aí dos 15 anos até uns 21, 22 anos de idade, a capacidade física é muito grande e vão por qualquer dinheiro praticar.*

Z – Você diz um pouco iludidos?

Ch – *É, um pouco iludidos. Depois disso aí, quando eles começam a ter uma cabeça mais voltada para ser um homem de verdade, constituir uma família, eles vão ver que esse salário de verdade não vai nem para dar para se sustentar quanto menos uma família e aí acabam partindo para outra coisa.*

Não há como divergir da resposta de C. As pessoas que jogam basquete no Brasil, mesmo quando profissionais, não fazem pelo dinheiro, mas sim pelo amor ao esporte. Todos eles sabem que R\$600 a R\$800 não são o suficiente para manter a posição econômica que eles querem ter hoje e por isso o B respondeu que já tinha uma posição, ou seja, ela já tinha um emprego e não gostaria de deixá-lo por causa do basquete.

Aliado a isso, o sonho de jovens jogadores em se tornarem profissionais os fazem iscas fáceis de técnicos/professores que querem muitas vezes o prestígio próprio mais do que educar ou ajudar seus atletas/alunos.

C – *Aqui em Campinas, a realidade é uma só. Garotos como eu fui, como o G foi, que tivemos mais tempo de federação... usando uma palavra bem objetiva, a gente foi prostituído.*

Ainda segue o exemplo:

C – Eu lembro que na época, quando ele recebeu o convite para ir para a Itália, ele sentou comigo, com o Ax, que era o que tinha mais tempo no Regatas, para falar o que ele achava.

Então falei: vai, porque aqui não vai conseguir nada. Por quê? Porque ele ia ser uma outra puta. Eles só iam usar o cara até não poder mais e pronto.

O velho ditado diz: “tudo tem o seu preço”. Qual é o teu preço? Ilusão foi outra palavra usada. Conforme o Ch, essas pessoas que se vendem a qualquer custo ainda não tomaram consciência e maturidade do que a vida é. Esses jovens estão iludidos em pensar que a vida não passa de um mundo onde só o basquetebol existe. O problema é quando a bola para de pingar e eles não têm um plano alternativo para apegar-se... ele tem uma falta de compreensão total do que o jogo de basquetebol ou esportes em geral deveriam ser em relação ao resto de sua vida. Ele tem uma confiança cega que esportes, primariamente o basquetebol, sempre o providenciarão com a intenção de bajulação, visibilidade, respeito e riquezas (MCNUTT, 2002, pg. xi).

Os novos jogadores não entendem princípios básicos da vida. Este é um ponto em que responsáveis pelo desenvolvimento humano devem ajudar cada adolescente e jovem. Mas o que eles não entendem é que basquetebol vão abandoná-los antes que eles abandonem o basquetebol (MCNUTT, 2002, pg. ix).

Unicamp:

Z – Então vamos supor que vocês ganhassem pra jogar, quanto você precisaria ganhar, você acha, pra se manter e ainda jogar?

A – *Pelo menos um R\$1500.*

Z – Tá! D, quanto você acha?

D – *Concordo com o A, uns R\$1500.*

P – *R\$2000.*

Z – Você mora com sua família, P?

P – *Eu moro, com meu pai e minha mãe.*

Z – Porque isso é às vezes o que vocês ganham no emprego de vocês ou ainda nem isso.

A – *é nada, e ainda tem filha aí!*

Z – então quem acha que, por exemplo, conseguiria jogar ganhando R\$500 por mês, e jogar?

L – *E não fazer mais nada?*

Z – É, viver dos R\$500.

M – *Aí é complicado.*

B – *Não dá!*

A – *R\$500 é o preço de um tênis. Se precisar comprar uma roupa...*

P – R\$500 vai só de passagem. Já pensou ter que catar dois busões pra ir treinar e voltar? Só de passagem...

A – E o rango, fica sem comida também.

Ao contrário do Taquaral, os entrevistados da Unicamp disseram seu preço. R\$2000 foi o maior deles e mesmo assim veio de alguém que mora com seus pais. Há muitos jogadores juvenis e que estão começando suas carreiras no profissional que não ganham mais do que R\$500 e alojamento. Conforme alguns que responderam a pergunta da possibilidade de se viver com R\$500, não é possível viver com esse valor.

A comparação feita pelo A, de que um tênis pode ter o preço de um salário mensal, é totalmente oportuna quando pensamos que o tênis é um dos instrumentos de trabalho do jogador. R\$500 também pode ser o valor gasto de condução até o local de treino. A questão do alimento foi mais uma vez levantada. Simplesmente, parafraseando os entrevistados, não é possível viver somente com esse dinheiro.



Soul of the Game (sem página e ano)

7- A Prática do Basquetebol Organizado

Basquetebol organizado é a forma em que o esporte se encontra institucionalizado, ou seja, um jogo de cinco contra cinco jogadores usando toda a quadra de basquete e com árbitros.

Foi notado que quase todos os jogadores entrevistados de ambos os ambientes já foram jogadores de clubes, sendo que alguns até já jogaram profissionalmente.

Taquaral:

Z – De vocês aqui, quem já jogou algum campeonato oficial? Quando falo oficial pode ser ARB, federação...

Ch – Vários de nós, eu nunca joguei profissionalmente...

Z – Eu sei que o G jogou porque eu me lembro...

B – Acho que daqui o único que não jogou fui eu.

Ch – Deixa eu dizer. Eu conheço daqui o C, eu lembro de ver ele jogar, ele era um pouco mais novo do que eu e eu via esse cara jogar e ele me arrastou muito para o basquete. E o G também jogar eu conheço. O B já jogou também, o F em Presidente Prudente. Então, tem muito jogador. O P que tá aí, também foi jogador.

Unicamp:

Z – A gente tem 12 aqui. Quem aqui já jogou em algum torneio oficial, seja federação, associação, quando eu falo de oficial é que jogou por algum clube e jogou esses campeonatos que tem aí nos clubes. Quantos aqui já jogaram?

M – Eu já.

Z – Você já jogou R? F? B? P? É, você jogou por Vinhedo (todos levantavam a mão simbolizando querendo dizer que sim).

L – Joguei jogos regionais, é associação.

Z – Regionais já é dentro do que eu estou perguntando. Já jogou K?

K – Não!

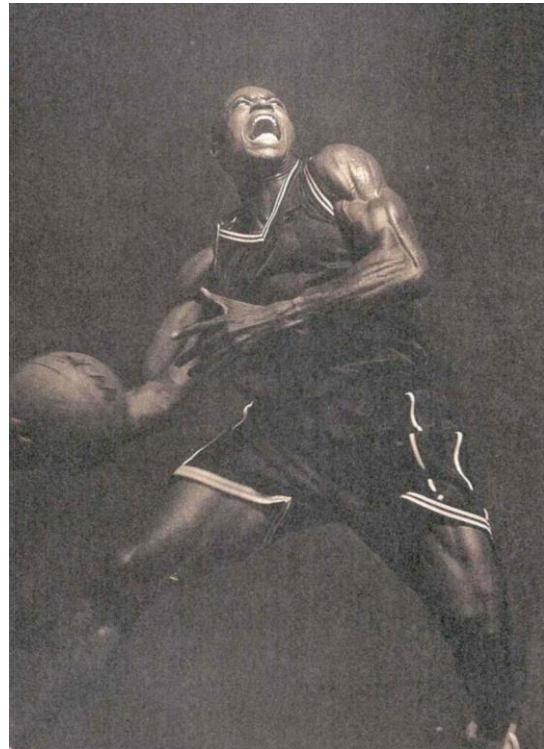
Na Unicamp os únicos que não jogaram em campeonatos oficiais, ou seja, realizados por alguma federação ou associação, foram os franceses que estavam presentes na entrevista. Não é por menos, pois eles mesmos disseram que o jogo na França é mais difícil, é preciso ter melhores habilidades (83% dos entrevistados na Unicamp já jogaram basquetebol organizado).

K – É mais difícil de entrar no jogo.

No Taquaral o B diz ser o único que nunca jogou, contrariando o que o Ch disse. O P citado pelo Ch era um rapaz que se despedia de todos os outros enquanto nós conversávamos. Ch disse que ele também jogou e, em seis citados, com exceção do B, todos jogaram (83% dos entrevistados no Taquaral já jogaram basquetebol organizado). O F disse o porquê de ter parado de jogar basquetebol organizado:

F – Eu parei pq fui estudar na faculdade.

Há “n” motivos para alguém desistir de continuar a jogar basquetebol organizado: frustração com o time, técnico, colegas, dever com a família, distância do clube, necessidade de estudar, não ganha o suficiente, entre outros. O fato é que os atletas que hoje estão jogando em quadras públicas são pessoas que já vieram do basquete organizado, e não aprenderam somente nas praças públicas.



Soul of the Game (Sem ano e página)

Campinas, no ano de 1995, possuía quatro clubes com times de base na federação, sendo que hoje tem apenas um. São ex-jogadores de clubes que vão para as quadras continuar a sobrevivência do jogo. Se não houver times que possam ainda desenvolver futuros jogadores, o risco de vida do basquete nas quadras externas, como o *streetball*, correrá risco de vida na cidade de Campinas.

8- Rixas e Estilos Diferentes

Desde o primeiro tema, apesar de toda semelhança que os dois ambientes trouxeram para este estudo, diferenças foram evidenciadas principalmente neste item, pois foi onde os entrevistados trataram de falar diretamente uns contra os outros.

Vejas os momentos que a Unicamp cita ou comenta sobre o Taquaral:

L – É aqui em Campinas, você vai jogar onde, cara? Taquaral e aqui só.

Z – Quem aqui conhece além da Unicamp, outra quadra?

Alguns – Taquaral. Só o Taquaral.

Z – E por que não no Taquaral?

J – Muita panela lá.

Z – Panela?

J – Você chega lá você perde um jogo, você nunca mais joga.

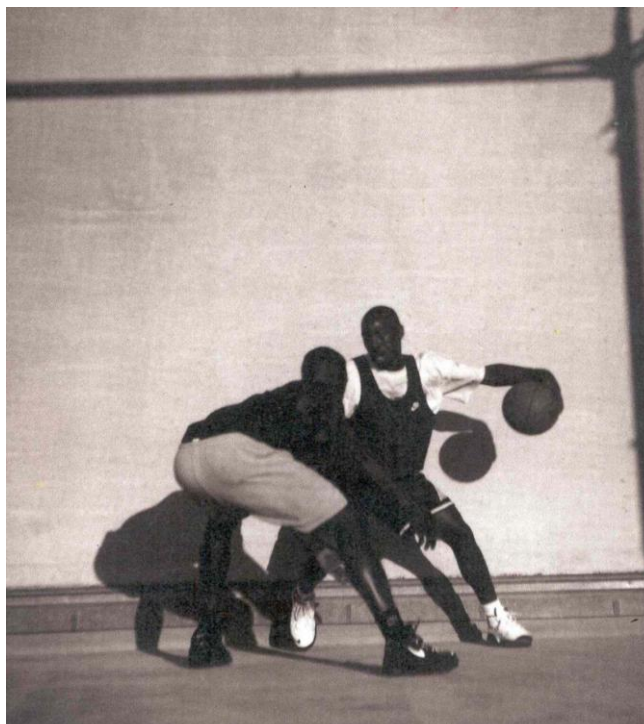
Z – Entendi! Aqui não tem panela?!

J – Até tem... Mas não como lá.

O L, em sua resposta, sabia que não há muitas quadras disponíveis para se jogar em Campinas, e não é pela falta da facilidade, ou seja, quadra e tabelas com aros. A questão é a que tratamos no tema anterior, isto é, a falta de jogadores nesses lugares.

Outros só conheciam o Taquaral além da Unicamp. Alguns deles não eram de Campinas, mas sim de Hortolândia e até mesmo da França e do Chile. Esses são fatores positivos que a Unicamp disse em relação ao Taquaral: quadra conhecida pelo local e pelo número de jogadores que a freqüentam.

O primeiro problema surge quando o J diz que há muita panela (gíria para dizer que há um grupo muito fechado). Pannels são geralmente times pré-formados por algum jogador que, por ter um



One on One

Soul of The Game (sem ano e página)

determinado status na quadra, seleciona seus próprios jogadores e aguarda que outro time, dos que não foram escolhidos por ele, seja formado. A pergunta para o J sobre panelas na Unicamp o incomodou. Ele sabe que panelas existem na Unicamp, mas não consegue estabelecer a diferença. O fato é que na Unicamp a panela é formada de outro modo. Times são escolhidos por dois ou mais jogadores, geralmente armadores, dependendo do número de times que poderá ser formado. Aqueles que escolhem possuem um leque de escolha mais limitado, pois um dos jogadores que você gostaria de escolher pode ter já sido escolhido antes por aquela pessoa que disputa os jogadores (no par ou ímpar) com você. Neste caso, jogadores desconhecidos ou mesmo aqueles que não se encaixam com o jogo dos que estão escolhendo podem ficar de fora, ou seja, esperarem mais ainda para terem a oportunidade de jogarem, configurando-se a panela. O M complementa:

***M** – Mas eu acho, o que diferencia aqui, por exemplo, é que você vai no Taquaral e os caras acham que estão na final da NBA e faz aquelas panelinhas e se for pra bater nos outros eles batem.*

A panela existe em ambos os lugares, mas conforme o M, a violência das faltas no Taquaral é exacerbante. Ele compara a sede de vontade de vitória dos jogadores do Taquaral com o campeonato de basquetebol organizado mais famoso do mundo, a NBA, onde jogadores lutam pela vitória com muita gana. De maneira hilária, sem saber o que o M comentou acerca do Taquaral o Ch (Taquaral) também compara o Taquaral com o mesmo campeonato, porém se referindo à qualidade do jogo:

***Ch** – O basquetebol nosso é um basquetebol mais de contato, de mais força. Tipo que você assiste em NBA mesmo.*

Não há nada de errado em ter um jogo com mais gana de vitória, mas quando exagerado acarreta em muitas chamadas de falta que não ocorreram, infrações que não existiram e outros tipos de reclamações, onde de novo, a pessoa de mais status ou voz volume de voz mais alta pode ganhar a bola, fugindo do espírito que rege o esporte. Veja comentários da Unicamp ainda:

***M** – O que eu quero dizer, e acho que um monte de gente aqui também sente, é que o diferencial da Unicamp não é que o nível cultural de quem vem aqui seja mais elevado, mais é que aqui rola uma cordialidade. Se você bateu no outro, você vai e pede desculpa, a maioria das vezes, com algumas exceções.*

Alguns sinônimos de cordialidade: franqueza, sinceridade e afetividade.

M – *O nível de camaradagem aqui é muito maior. Mesmo porque a maioria da gente não tem pretensão de jogar em clube e nada. Vem aqui pra se divertir mesmo, brigar contra a barriga, pra ver se emagrece.*

De fato, a Unicamp possui uma cordialidade acentuada em relação à quadra do Taquaral, mesmo que os atletas do Taquaral não tenham mais pretensão de jogarem profissionalmente. Pessoas que não são acostumadas a jogar na Unicamp e começam a fazer fortes faltas, são rapidamente alertadas pelos jogadores a tomar cuidado com esse tipo de jogada.

Veja o que franceses recém chegados de seu país de origem disseram:

K – *Eu acho que aqui é mais tranquilo.*

Z – *Então vocês acham que essa amizade essa camaradagem que eles estavam falando é verdadeira?*

Ad – *Sim, é verdadeira. Diferente de França.*

No Taquaral:

Z – *Agora , porque o Taquaral e não outra quadra?*

C – *Na Unicamp só tem fresco, aqui é mais contato. É mais divertido (risos).*

G – *Aqui tem mais rivalidade.*

C – *Aqui tem mais rivalidade, um nível maior que da Unicamp.*

Ch – *O basquetebol nosso é um basquetebol mais de contato, de mais força. Tipo que você assiste em NBA mesmo. Esporte que a gente gosta de ver. É um basquete de rua mesmo, e nas outras quadras é, em áreas assim mais nobres da cidade, como é o caso de Barão Geraldo, Unicamp, são freqüentadas por um nível social muito mais alto. Eles gostam de participar no que, em basquete de clubes, onde tem um juiz apitando, onde qualquer coisa é falta. E pra gente não, o contato é necessário.*

Dessa conversa selecionamos três elementos principais. C disse que na Unicamp só tem fresco, querendo dizer que são pessoas “delicadas”. As brutas faltas do Taquaral trazem um determinado nível de entretenimento maior para o C. Ele e o Ch também disseram que o nível de jogo e de dificuldade é maior no Taquaral, fazendo com que jogos fiquem mais emocionantes e disputados. Mais uma vez coincidiu do Ch falar de algo que também foi citado na Unicamp: a questão do nível cultural. Ele disse que o nível cultural das pessoas que freqüentam a Unicamp é maior, mas veja o que já havia sido comentado pelo M (Unicamp):

M – *O diferencial da Unicamp não é que o nível cultural de quem vem aqui seja mais elevado(...)*

Não há como discutir quem está certo, pois não foi utilizada nenhuma ferramenta para se medir a veracidade desses comentários. Um pouco mais adiante na entrevista o C faz um comentário de um dos jogadores que supostamente tinha ido para a Unicamp e voltou a jogar no Taquaral:

C – Ele foi uns dias pra lá e já voltou cremoso (risos).

Cremoso é o mesmo que fresco na gíria, mas talvez tenha uma conotação mais intensa.

A rixa entre a quadra que tem os melhores jogadores, o melhor espaço e a melhor maneira de jogar sempre vai existir. É indiscutível que o respeito deve ser mantido e o espírito do jogo conservado, para que o esporte ainda continue a brilhar e novas estrelas surjam...

*Quando você nasceu o jogo estava aqui,
esperando por você, e a batida do jogo vai
continuar em frente (mesmo) sem você.*

(WIDEMAN, 2001, pg. 4)

9- O Nível Do Seu Jogo

Taquaral:

Ch – *Então todos eles aqui, eu vi C jogando com 15, 16 anos, nível norte americano para ir embora do país naquela época.*

C – *Aqui tem mais rivalidade, um nível maior que da Unicamp.*

Unicamp:

Z – *Já que nós estamos aqui na Unicamp, por que a Unicamp? Por exemplo, vocês que são de Hortolândia, M que é de Souza, por que na Unicamp?*

J – *Eu acho que o nível do basquete aqui é bom, véio. Quer jogar aí vai, jogar aí com os caras que não sabem nem jogar. Não dá nem pra tocar.*

A – *Aqui você encontra um grupo que tem o mesmo nível que o seu e da pra jogar um jogo coletivo legal, uma quadra inteira que dá pra disputar mais.*

Z – **E o que acontece, quando, se um deles, vamos supor, no caso, chegasse aqui e você visse que o basquete dele, que nem você falou, um basquete mais no nível, muito parecido. Se não fosse?**

M – *Naturalmente ele iria para a outra quadra, ou para a outra (risos).*

Alguém – *Aí queimaria, né?*

A – *Vai pulando! (Risos).*

D – *É a mesma coisa no Taquaral, vai pulando de quadra em quadra até achar.*

A – *Taquaral é assim cara!*

D – *Vai lá pra outra quadra oh! (risos).*

J – *O time fechou aqui...*

P – *Já era! Já era!*

O nível do jogo é algo extremamente importante para que a motivação dos jogadores em quadra seja mantida em um nível ideal para um ótimo espetáculo e diversão dos competidores. Há duas opiniões que emergem com mais saliência nessas sentenças: Taquaral tendo um melhor nível de jogo e a Unicamp tendo um nível apazível para seus jogadores.

O J (Unicamp) cita a situação de ter pessoas que não sabem jogar tão bem quanto eles, deixando o jogo menos competitivo. Em ambos os locais, Taquaral e Unicamp, há mais de uma quadra de basquetebol. Os entrevistados na Unicamp falam pelos dois locais. Pessoas que não se adaptam ao jogo da “quadra principal” vão jogar nas outras quadras, onde o nível do jogo é menos intenso e onde pode haver

muitos iniciantes do esporte. Ch (Taquaral) comentou sobre o nível de um dos jogadores que lá freqüentava. Disse que era como de um norte americano, colocando o jogo dos gringos no pedestal, o que ainda não pode ser negado.

O que atletas descomunais poderiam fazer no meio de ambientes como esse? A



Earvin "Magic" Johnson

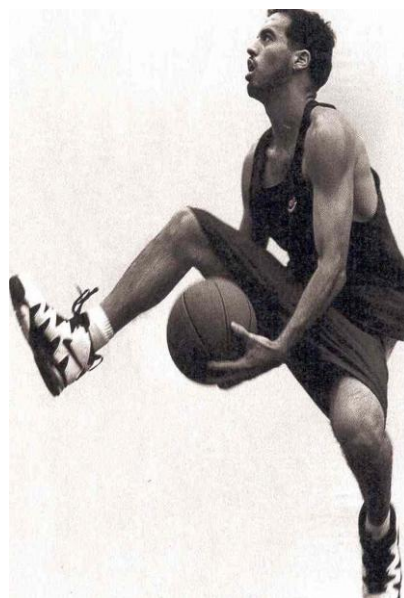
(Unicamp) disse que é um lugar onde os jogadores possuem um nível semelhante, mas o que seria do jogo deles ao encontrarem pessoas como Magic Johnson²⁰ ou Michael Jordan, ícones do basquetebol em suas quadras?

As ruas cara, é onde você ganha o respeito.

Se alguém quiser saber quão bom um rapaz era, é onde ele deveria ir. Todos nós começamos lá, eu, Michael Jordan, todos nós²¹.

Earvin "Magic" Johnson (ex-jogador da NBA)

Note que conforme o ex-jogador, eles começaram a jogar nas quadras públicas dos EUA. Agora, será que toda vez que falamos de alguém que tenha o nível de jogo muito avançado é alguém famoso? Hoje é possível encontrar muitos artigos e comentários sobre *street legends* ou *playground legends*²². *Você não se torna um street legend pela quantia de dinheiro que você faz ou número de pessoas que você influencia. Um street legend nasce nas ruas, onde ninguém saberá ou verá você, mas seu nome seu nome será falado por gerações. Um street legend é alguém que vive para jogar e joga para morrer. Um street legend é alguém que se mantém reconhecido contra jogadores*

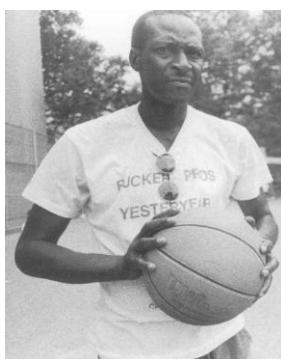


Soul Of The Game (Sem ano e página)

²⁰ Fonte da foto de Magic Johnson: http://www.bodogbeat.com/archives/2004_05_21.html (acessado em 04/12/2004).

²¹ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/anklebreakin2.htm> (acessado em 04/10/2004).

²² Lenda do basquetebol de rua, ou streetball.



Earl "The Goat" Manigault



Joe "Destroyer" Hammond



**Richard "Pee Wee"
Kirkland**

*profissionais que vem para as ruas. Você não pode fazer um street legend, você deve achá-los*²³.

Apesar dessa visão romântica, jogadores foram carimbados como lendas, como Joe "The Destroyer" Hammond, Earl "The Goat" Manigault, Pee Wee Kirkland²⁴ e Fly Williams, que jogaram contra profissionais como Wilt Chamberlain, Julius Erving, Tiny Archibald, Dave Cowens, Kareem Abdul-Jabbar, Ollie Taylor e Mike Riordan. O que fez esses primeiros jogadores de rua tão fantásticos foi o fato que eles não tinham medo de jogar contra os profissionais, eles olhavam para os profissionais como simples pessoas da vizinhança que tiveram a chance de estar na NBA. Fora disso, eles eram apenas meros jogadores para eles, disse Duke Tango, MC de Rucker Park (PALMER, 2004, pg. 4). Cada um deles carrega algum tipo de história que parecem, muitas vezes, inacreditáveis, mas para a graça do esporte foram mantidas por testemunhas.

*Kareem Abdul-Jabbar disse uma vez que o melhor jogador que ele já viu e que nunca esteve na NBA foi Earl "The Goat" Manigault, de 1,80m de nada*²⁵.

*Quando eu estava na nona série eu vi Herman "The Helicopter" com meus dois olhos tirar uma moeda de 25 centavos de cima da tabela para ganhar uma aposta. Eu fiquei completamente chocado*²⁶.

-- Bernard King, ex-jogador da NBA com mais de 19.000 pontos na carreira.

*Eu fui afortunado em crescer na cidade de Nova York porque eu tive a chance de jogar contra caras como Pee Wee Kirkland, Joe Hammond e Earl Manigault*²⁷.

-- Nate Archibald, ex-jogador da NBA.

²³ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/anklebreakin.htm> (acessado em 04/12/2004).

²⁴ Fotos do livro: *Streetball, all the ballers, moves, slams, & shine*. (pgs. 6, 5 e 9 respectivamente).

²⁵ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/anklebreakin.htm> (acessado em 04/12/2004).

²⁶ MALLOZZI, V. M. *Playground vs. The Pros*. 28/07/1999.

<http://www.villagevoice.com/issues/9930/mallozzi.php> (acessado em 19/11/2004).

²⁷ Idem a nota anterior.

10- Outdoor X Indoor

Essas são palavras muito usuais quando falamos sobre basquetebol na língua inglesa. *Outdoor* é o jogo em quadras ao ar livre, e *indoor* em ginásios. Essa pesquisa gira principalmente em torno das quadras *outdoor*, e não poderíamos deixar de questionar os jogadores desses ambientes sobre a disputa *outdoor X indoor*:

Unicamp:

Z – Então, vamos só brincar aqui, antes da gente fechar. Vocês acham que se montasse uma seleção da galera que não joga em clube. Vocês acham que teriam condições de montar, por exemplo, uma série A2?

Alguns – Sim!

M – *Eu dou o exemplo daquela cidade que a gente jogou aquele último lá, como é que chamava L?*

L – Atibaia.

M – *A gente pegou na final um time de A2.*

Z – Que pegou o 3º lugar nos regionais.

M – *Que pegou o 3º nos regionais. Ganhamos dos caras. Parece que o time dos caras estavam desfalcado, mas mesmo assim...*

Taquaral:

Z – Vocês acham que se a gente pegasse a galera que joga nas ruas, nas ruas entre aspas tá... De quadras e não de clubes, vocês acham que daria para montar um time tipo, A2?

Todos – *Não, não (risos), um time só não.*

G – Dois, até três.

B – *Um timinho chato de três.*

Foi unânime os entrevistados acharem que era possível selecionar pessoas que jogam em quadras *outdoor* para jogar na *indoor* e disputar campeonatos como a própria série A2. Há jogadores de excelente nível e habilidade jogando nas quadras públicas de Campinas, porém, os clubes não possuem interesse em buscar esses jogadores “de rua”. Além do mais, o privilégio é sempre do filho do diretor:

Ch – *Temos o caso do S que não está aqui agora, um grande amator. E eu fui ver várias vezes ele jogar e quando o time estava perdendo ele era colocado na quadra para reverter a situação. No momento que ele revertia o técnico falava para ele: senta, porque o filho do diretor tal está aí e ele precisa jogar porque o pai dele está assistindo o jogo.*

Debates neste nível já ocorrem nos EUA há alguns anos, desde que profissionais da NBA quiseram encarar campeonatos de verão como o de Rucker Park. Walt Frazier, que ganhou dois campeonatos pelo time de New York na NBA e foi eleito um dos 50 melhores jogadores da história do basquetebol jogou no campeonato de Rucker Park quando ele era ainda um novato na NBA, em 1967. Ele disse que não há como uma estrela de quadras *outdoor* ser considerada da mesma classe de um jogador profissional²⁸. Ele também diz que lendas das quadras *outdoor* geralmente têm uma vantagem sobre jogadores profissionais, porque as regras do jogo são freqüentemente deixadas para trás em favor de um bom show.



Holcombe Rucker Basketball Courts
Soul Of The Game (sem ano e página)

Apesar de muitos dos jogadores entrevistados não almejem mais uma vida como jogador profissional de basquetebol, eles gostariam de ter chances para jogar em campeonatos organizados e provarem o que podem fazer pelo e com o jogo. A vontade de ser um ser supremo está na natureza do ser humano e não importa se você é ou não profissional para ganhar o rótulo do melhor ou maior.

²⁸ MALLOZZI, V. M. *Playground vs. The Pros*. 28/07/1999.
<http://www.villagevoice.com/issues/9930/mallozzi.php> (acessado em 19/11/2004).

*Digam ao Michael Jordan que sua carreira
não está oficialmente acabada até que
ele venha até Rucker e mostre seu jogo*²⁹.

Stephon Marbury, jogador da NBA e de Rucker Park.

Alguns astros da NBA como Nate “Tiny” Archibald, também eleito um dos 50 melhores jogadores de todos os tempos, aceitaram o desafio, em sua época (1970-84), de pessoas como Marbury. *Em seus corações e em suas almas, os jogadores das quadras outdoor (playground players) sentiam que não tiveram a mesma chance como jogadores como eu para ir para os profissionais, e pensavam que eram melhores do que a gente. Então, quando eu fui lá, tive muito que provar*³⁰.

A dúvida: conseguirá um jogador de quadras públicas de fato jogar, já que eles terão adversários extras como árbitros, violações e um sistema de jogo diferente? Se pensarmos que muitos desses jogadores entrevistados já fizeram parte de jogos organizados, a resposta é sim. Mas para o contexto norte americano, a resposta é um pouco diferente...

*O caras da NBA estão acostumados a jogar em um sistema,
mas nós, caras da rua,
fazemos nossa vida sendo criativos*³¹.

James “Speedy” Williams (Playground Legend)

²⁹ MALLOZZI, V. M. *Playground vs. The Pros*. 28/07/1999. <http://www.villagevoice.com/issues/9930/mallozzi.php> (acessado em 19/11/2004).

³⁰ *Idem* nota anterior.

³¹ MALLOZZI, V. M. *Stylin’*. (23/05/2001). <http://www.villagevoice.com/issues/0121/mallozzi.php> (acessado em 19/11/2004).

11- Quem pode jogar?

Esta foi uma questão que divergiu grandiosamente entre os dois ambientes.

Na Unicamp:

Z – O que você acha, foi fácil de você chegar aqui e ser incluso no jogo?

A – *Sim.*

K – *Sim.*

Z – Foi fácil. Foi fácil pra você também K?

M – *Tanto é que ele estava ali e tal, veio arremessar e gente foi até falar com ele: então, você entra na próxima rodada.*

No Taquaral:

Z – E uma coisa agora, por exemplo, é fácil alguém chegar aqui e jogar? Digo, alguém que vocês nunca viram?

C – *Não, é difícil.*

Z – Assim, por exemplo, eu cheguei ali, fiquei sentadinho...

C – É que na verdade aqui é uma questão de atitude, entende? Tem que ter uma certa atitude para pedir para jogar.

Z – Entendi. Tem uma espécie de tradição da quadra.

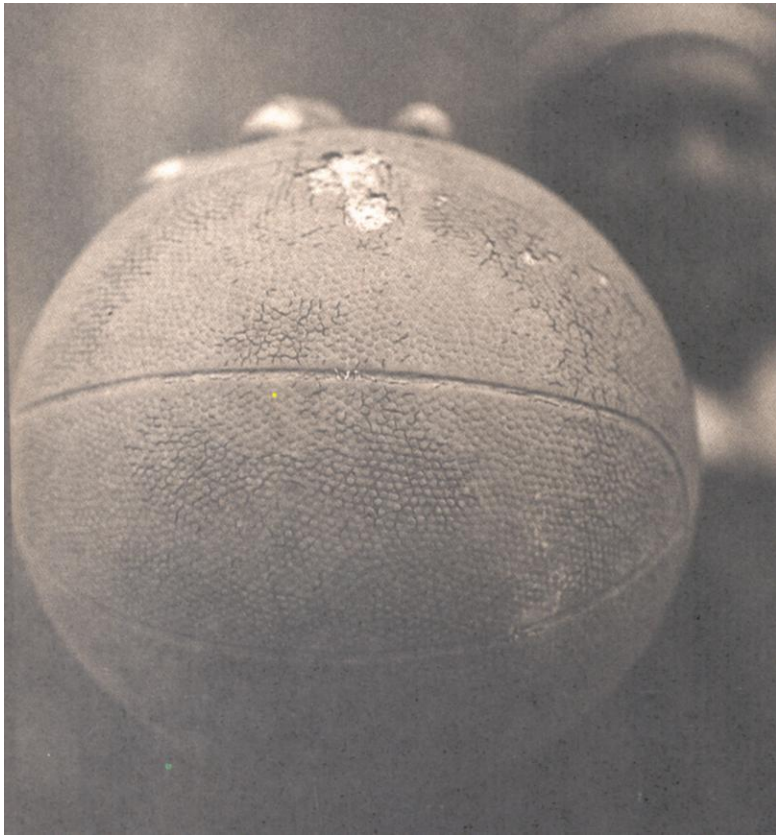
C – *Exato! É o que eu falei, a gente inconscientemente está fazendo uma coisa de periferia.*

Na entrevista na Unicamp os dois franceses que estavam presentes disseram que foi fácil poder participar. Além disso, eles foram incentivados pelo M, que os convidou para jogar. No Taquaral, pelo contrário, eu fiquei sentado por aproximadamente 40 minutos ao lado da quadra para poder jogar, e em nenhum instante fui convidado para jogar. A idéia foi ratificada quando o C disse que era difícil jogar com eles. Pete Axthelm (1970, pg. 24), autor norte-americano, citando Jay Vaughn, um jogador das quadras externas disse: *se você quiser jogar com os melhores jogadores você tem que ter sua própria bola, vir logo cedo de manhã para cá e esperar que alguém diga, 'hei, podemos usar sua bola?' Isso significa ter chance de jogar – se eles tiverem quatro ótimos jogadores e puderem dispor de um jogador fraco, eles talvez deixem você jogar um jogo. Se você perder, esqueça jogar pelo resto do dia.*

Note uma das frases de C (Taquaral):

Z – E com relação à bola, vocês trazem? Se ninguém trouxer ninguém joga?

C – *Tem gente que traz aí e não é escolhido por jogo mas é por bola.*



Soul of the Game (sem ano e número da página)

12- Que Roupa Devo Usar?

A vestimenta faz parte da personalidade de uma pessoa. Conseguimos muitas vezes identificar grande parte dos valores que uma pessoa carrega através de suas roupas. Elas possuem significados além do simples fato de cobrir nossos corpos.

Taquaral:

Z – E grife de roupa tá? A galera, mesmo que inconscientemente, a gente pensa na roupa que a gente vai usar para jogar. É claro que eu acho que a maioria de vocês tem um tênis de cano alto ou médio para jogar. Vocês se preocupam com isso quando vêm para cá?

C – Lógico, lógico, é a vestimenta.

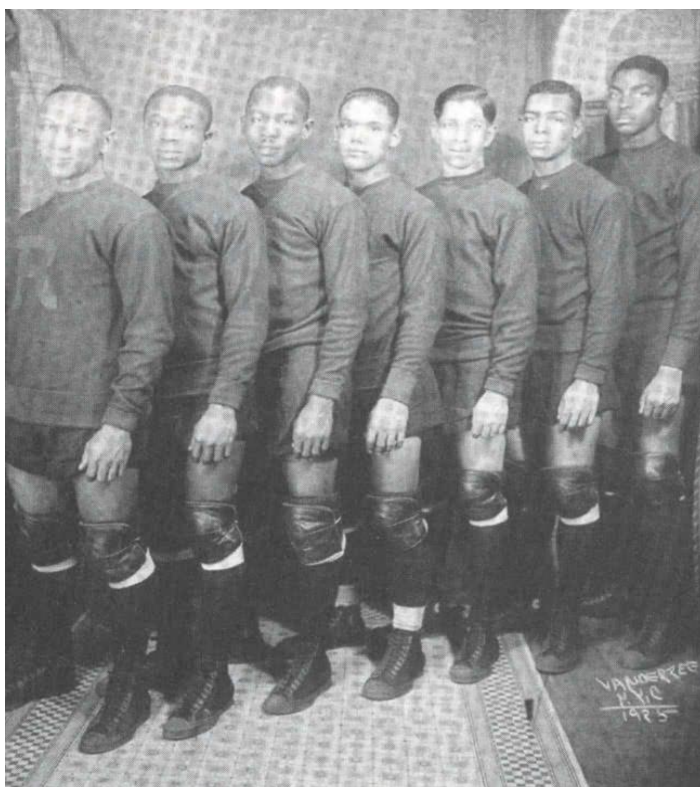
B – A gente repara e tal (risos).

C – Se, por exemplo, chegar alguém aqui a gente não vai chamar ele para jogar se ele tiver usando um tênis assim, sei lá, um tênis de futebol de salão. Tem que né...

De fato, existem roupas que são ou não adequadas para a prática do jogo. Calçados apropriados são um meio de prevenção contra lesões. Calças prendem os movimentos das articulações das pernas, e camisetas regatas facilitam o deslocamento dos braços.

É fácil notar que as vestimentas no basquetebol tiveram grandes mudanças. Quando o esporte ainda era apenas uma criança, atletas chegaram a ponto de vestir proteções para jogar³².

As longas bermudas que acabam abaixo do joelho influenciadas por um estilo hip-hop substituíram os velhos shorts que terminavam antes da metade da coxa. Tênis cada vez mais caros e mais confortáveis



são criados semanalmente pelas várias marcas hoje existentes, deixando de lado o

³² Fonte da foto: *Black Hoops*, pg. 53.

velho All-Star. Enquanto houve um aumento significativo do tamanho da bermuda, a meia tem ficado escondida, somente dentro do tênis, dando atenção aos músculos posteriores da perna. Esses são apenas alguns aspectos dos muitos que poderíamos identificar, além de características individuais dos jogadores.

Unicamp:

Z – Com relação então a equipamento de jogo, vamos supor, tênis, né? Vocês têm alguma marca em especial que vocês gostam de jogar, ou algum jeito... Ah, eu gosto de uma camiseta mais assim, eu gosto de jogar de regatas, gosto de bermuda longa ou bermuda curta, gosto de tênis da Nike, Reebok da And1? Alguém tem, faz questão de vir aqui pensando naquilo que vai vestir pra vir jogar?

Ma – *Tênis cano alto é essencial pra você não torcer o pé.*

L – *A bermuda tem que ser grande.*

B – *Eu não ligo não.*

M – *Bermuda grande...*

Z – Então o tênis tem que ser pelo menos $\frac{3}{4}$ pelo menos. Tá, que não seja um All Star.

Ma – *Que não seja um All Star...*

Z – Entendi.

A – *Já foi o tempo de ligar pra marca, já.*

Z – Tem alguém que liga pra marca?

M – *Tem um rebelde aqui!*

B – *Tem um rebelde aqui, eu não ligo pra marca e estou cagando e andando.*

Difícilmente vamos encontrar jogadores “da velha guarda” com esses novos estilos. Ex-jogadores profissionais ou amadores são conhecidos como *old school players* (jogadores da velha escola) e que ainda carregam influências de seus tempos.

O estilo do vestuário, assim como do jogo, atravessam uma evolução natural do esporte. Estamos na fase Allen Iverson com seu pupilo, pelo menos na maneira de se vestir, LeBron James. Acabamos de passar pela época Michael Jordan...

(...) você começava a ver MJ em todos os lugares.

De repente, todos queriam ser como ele.

(WIDEMAN, 2001, pg.40)

Não há como prever com grandes probabilidades de acerto a próxima moda enquanto não soubermos quem será o próximo ícone³³ do basquetebol.



Allen Iverson
novo ícone do estilo que hoje rege a NBA.

³³ Fonte da foto: <http://slamonline.com/magazine/features/Iverson84/> (acessado em 05/12/2004)

13- Liberdade No Ato De Jogar

Criatividade foi o quesito que transformou simples jogadores em estrelas. Pelé possuía um leque de jogadas incalculáveis quando jogava futebol. Michael Jordan sabia lidar com problemas com diferentes resoluções enquanto jogava basquetebol. *Liberdade é a faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação*, segundo o dicionário Aurélio³⁴. A liberdade do jogo pode ser explicada com a filosofia de luta de Bruce Lee, segundo a organização australiana MSF: *o caminho é o não caminho, e não ter limites é o limite*³⁵. Sem liberdade não há como produzir criatividade.

Taquaral:

Z – (...) o estilo do jogo de vocês é diferente de um jogo que tem o arbitro lá?

Alguns – *Totalmente diferente.*

Z – Mais gostoso?

Ch – *É muito mais gostoso, o jogo fica mais corrido.*

B – *Até o 21 aqui é diferente.*

O jogo se torna *muito mais gostoso*. A justificativa do Ch é que deixa o jogo com menos bola parada, o que acontece em jogos organizados que possuem árbitros. Isso muita vezes faz o jogo perder sua graça. *Caras das ruas têm seu próprio ritmo quando jogam. Não é somente uma questão de te posicionar para arremessar. Você sente o arremesso. Quando um técnico te segura, você perde a emoção e aí já não tem mais diversão*, disse Bob Spivey ex-jogador de rua e de Faculdade dos EUA (AXTHELM, 1970, pg. 13).

As regras do jogo são como as leis físicas, não podem ser desobedecidas. A criatividade deve florear dentro dessas regras, porém, conforme o ex-jogador da NBA Walt Frazier não é bem assim que acontece, conforme já vimos.

*Lendas das quadras outdoor geralmente tem uma vantagem sobre jogadores profissionais, porque as regras do jogo são freqüentemente deixadas para trás em favor de um bom show*³⁶.

³⁴ Dicionário Aurélio Eletrônico versão 3.0, 1999.

³⁵ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/streetballintro.htm> (acessado em 19/11/2004)

³⁶ MALLOZZI, V. M. *Playground vs. The Pros*. 28/07/1999.

<http://www.villagevoice.com/issues/9930/mallozzi.php> (acessado em 19/11/2004).

Unicamp:

Z – Agora questão de estilo de jogo. Vocês acham diferente o que vocês jogam aqui com relação que os, que se joga, por exemplo, nesses jogos fechados de clube. Existe muita diferença do jeito que vocês jogam aqui, do jeito que o pessoal joga em clube?

Alguns – *Ah, tem! Existe...*

Z – Que diferença? Você acha que não, M?

J – *Aqui é rachão, pô! Cada um por si. Lá tem um técnico, um juiz, tem tudo aqui a gente não tem nada.*

P – *Lá os caras estão jogando mais técnico. Lá joga mais forte.*

A – *Não é tão sério...*

P – *Lá o jogo é mais forte, veio!*

Z – Mais forte...

P – *Lá o cara entra com mais força.*

J – *Você vai bater menos, tipo assim, você sabe que pode, se fizer cinco faltas você está fora, então não é qualquer bola que o cara vai bater.*

A – *E outra, você não vai pegar a bola e sair rasgando a quadra inteira, né? Vai ter mais...*

M – *Não sei cara...*

A – *Vai ter mais...*

L – *Seu jogo fica limitado. Se você é o armador, você vai armar a jogada...*

Durante algum tempo na liga universitária americana NCAA (National College American Association) foram proibidas as enterradas, pois estavam sendo consideradas como algo parte da cultura de rua, o que os organizadores não queriam. *Todos sabem que a enterrada é uma marca registrada de um atleta negro de rua, então eles tiraram fora, simplesmente tiraram fora*, disse Robert Bownes (AXTHELM, 1970, pg. 127). O mesmo Robert comenta que essa não foi uma regra para impedir pessoas como Lew Alcindor (Kareem Abdul-Jabbar) de fazer cestas, pois eles fariam de qualquer modo por causa de sua altura, fosse com uma enterrada ou simplesmente deixando a bola entrar. A regra foi imposta para impedir jogadores de 1,85m que humilhavam os jogadores com suas enterradas sobre os oponentes, fazendo a torcida ir ao delírio.



Soul Of The Game (Sem ano e página)

Os entrevistados da Unicamp disseram que os jogos organizados são mais

técnicos, e citaram um exemplo tático, no qual a função do armador é amar o jogo. Os jogadores jogam em função de suas posições, muitas vezes estabelecidas pelo técnico, limitando o atleta. Durante o treino ele passa horas se especializando em uma determinada função em benefício da boa relação com o técnico. *No jogo da faculdade o técnico possui o seu corpo e sua mente por três horas por dia. Uma criança pode aceitar isso, mas um homem não*, disse Keith Edward, jogador de *streetball* (AXTHELM, 1970, pg. 129).

Para os atletas de quadras *outdoor* a liberdade deve ser a essência do jogo. É a liberdade que dá o ritmo e a motivação para muitos atletas. *Eu não estava preocupado com o jogo da faculdade, porque a faculdade deixou meu jogo mais lento. Você tinha que armar um ataque e tinha que defender. Eu estava esperando chegar em casa para jogar lá, pois aí eu poderia jogar livremente*³⁷, disse Tyron “Alimoe” Widow, jogador do time da marca AND1.

*Streetball é baseado em liberdade e o que vende melhor do que liberdade? Especialmente nos EUA?*³⁸

³⁷ Fonte: <http://www.insidehoops.com/black-widow-interview-091103.shtml> (acessado 06/12/2004)

³⁸ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/streetballintro.htm> (acessado em 19/11/2004)

14- Cuidando Da Facilidade

Taquaral:

Z – E com relação à condição das quadras, você acha que está bom?

C – Isso aí eu acho que é mérito do seu R. O seu R tá aqui no Taquaral há mais de 60 anos eu acho, né??

Todos – *É.*

Z – O Sr. R ainda joga aqui?

Alguns – *Joga.*

Unicamp:

Z – E com relação à manutenção?

A – *Unicamp.*

J – *Funcionários.*

B – *Tinha aquele japinha lá que... Como era o nome dele?*

Z – O Mr?

L – *Ele não faz mais.*

B – *É o Mr. Ele cuidava. Ele fez durante anos.*

Z – Entendi. Ou seja, alguém que não é da Unicamp.

L – *Eu já passei cimento naquela quadra lá.*

Z – Alguém aqui já fez alguma coisa para manutenção aqui. Tipo, o L já fez.

M – *Não, não, o L fez dès-manutenção (risos). Olha o aro lá.*

L – *Eu já pus cimento.*

Nos dois ambientes havia duas pessoas que foram reconhecidas pelo grupo e não ganhavam nada para fazer a manutenção da quadra. Ambos da terceira idade, e ainda faziam parte do local de alguma forma.

Na Unicamp alguns dos entrevistados já haviam feito alguma coisa, como arrumar buracos da quadra com cimento e arrumar o aro, por exemplo. Eles também sabiam que os funcionários da Unicamp fazem a manutenção, porém anual.

Nenhum dos grupos estavam insatisfeitos com os estabelecimentos, mas sabiam que poderia ser melhor. Na Unicamp eles ainda disseram o que poderia fazer para melhorar:

Z – O que vocês acham que falta aqui para que o jogo ficasse melhor?

M – *Quadra coberta.*

A – *Ah também um som também já ajudava, não é verdade?*

J – *Sonzão, refletor, colete (risos). Vamos falar então...*

D – Fala para umas mulher vir aqui dançando e tal (risos).

J – Aro retrátil.

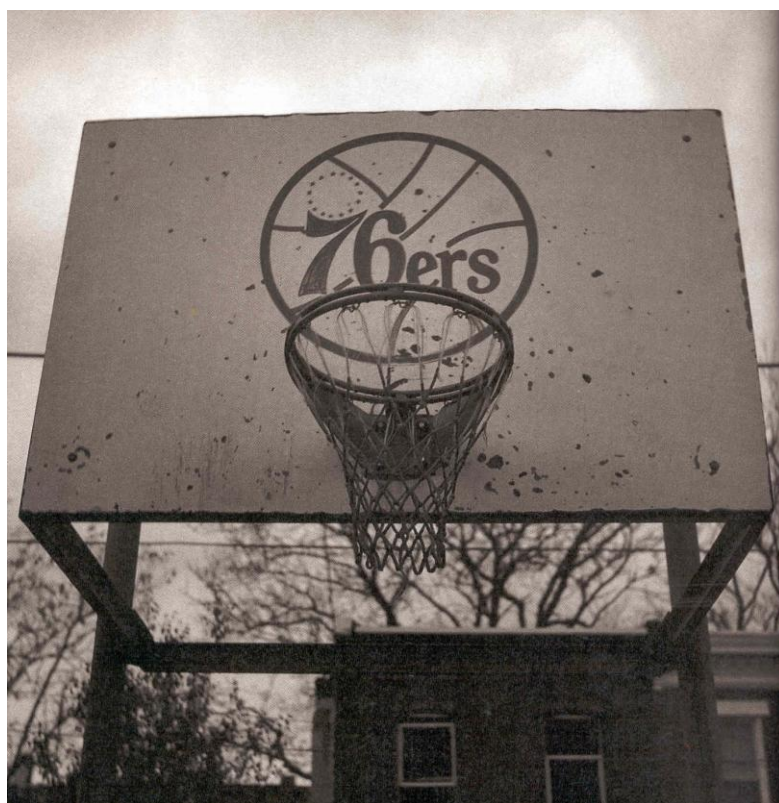
Um paradoxo é criado com todos essas questões dos jogadores da Unicamp. Conforme os entrevistados do Taquaral, o bairro 31 de março tinha o melhor local para a prática do basquetebol nos finais de semana, e depois de fazerem a reforma do local, colocando até cobertura, as pessoas simplesmente pararam de jogar lá.

C – (...) e era onde o maior racha que Campinas já teve: 31 de Março.

Z – A galera não joga mais lá?

B – Cobriram a quadra, reformaram ela inteira e ninguém vai lá.

O show não pode parar. Enquanto houver pessoas conscientes em manter as estruturas das facilidades em estado adequado para que o jogo se mantenha vivo, muitas gerações porvir poderão desfrutar do jogo. Eu disse para minha esposa e meus amigos para não se lamentarem se eu morresse na quadra, mas para levantar um brinde por saber que eu fui fazer alguma coisa que me fez feliz, particularmente se eu estiver pegando rebotes e arremessando bolas fáceis no final (TELANDER, 1976, pg. 211).



Soul Of The Game (sem ano e página)

15- Jogadas Inesquecíveis

“Por que as pessoas te chamam de Funny³⁹?” Ele respondeu: “o jeito que eu atuo na quadra, o jeito que eu jogo, eu acho. Eu brinco muito e na quadra e tenho alguns dribles que algumas pessoas pensavam que eram bem extravagantes, mas eu não sei quais realmente eram. Eu nem penso neles, sabe, eu apenas ia lá e os fazia” (AXTHELM, 1970, pg. 152).

Existem muitos tipos de jogadas no basquetebol que levantam uma torcida. Podem ser passes sem olhar, enterradas sobre o oponente, um bloqueio de arremesso e até mesmo um arremesso no último segundo de jogo que é convertido. Existem momentos em que os jogadores são capazes de dizer: “eu nunca mais verei isso”. Cada jogo carrega sua singularidade, e é claro, os atletas são os responsáveis pelo espetáculo. Conforme o *street legend* Pee Wee Kirkland, *quando você vê um rapaz jogando na NBA, todo mundo sabe que é meio restrito. Este rapaz na quadra coloca a bola atrás de suas costas, faz um passe e todos deliram. Isso não é aceitável em street basketball. Quando você entra na quadra, ele tem que passar a bola duas vezes por detrás das costas, dar a volta com a bola entre suas pernas e jogar um passe sem ver para uma ponte aérea. Aí sim a torcida vai ao delírio* (HUET, s/d e pg.).

Taquaral:

Z – Qual é a jogada aqui que mais anima a galera?

C – Sei lá, mas não ocorre muito é enterrada eu acho.

B – Meu estilo é dar passe. Curto dar o passe para os outros fazerem a cesta, já que eu não tenho o chute bom. Agora, eles não, eles já têm outros estilos.

É difícil ter um consenso entre “a jogada” que mais anima os expectadores. O basquetebol é um esporte com muita possibilidade de entreter a torcida.

Z – Agora, vamos supor, o cara passa a bola por baixo da perna dos outros. Isso é uma falta de respeito ou um espetáculo?

G – Pra nós é espetáculo.

C – Normalmente esse vem pra tomar.

F – Não sei não hein, pode ser falta...

C – Mas no jogo não sai muito enterrada não. A gente não deixa.

³⁹ Apelido que pode ser traduzido por cômico, engraçado, hilário e divertido.

Ch – *Tem que ser bom, tem que ser bom. Normalmente a gente vê uma galerinha aí, na hora do intervalo, que não joga muito bem, que fica enterrando aí a gente já avisa: quero ver no jogo se faz isso daí.*

B – *No jogo ninguém vai dar de mão beijada, mas também não é pra cortar no meio da enterrada. Aí não tem nada a ver.*

F – *Por isso que às vezes vem cara de fora e no meio do jogo, o cara vai enterrar e daí dá uma cama de gato... É pra deixar enterrar né. Se o cara foi para meu, enterrar é mérito dele.*

No Taquaral surgiu uma divergência com relação a dribles que envergonham o oponente. Não é difícil passar a bola para um colega de equipe por entre as pernas do defensor no jogo, já que a posição defensiva facilita esse tipo de jogada, porém, não vemos isso acontecer com frequência em um jogo organizado. No caso, alguns pareciam aprovar e outros não. O drible se torna mais difícil de executá-lo quando o jogador não quer simplesmente passar a bola por entre as pernas do adversário até um parceiro, mas ainda ter a posse de bola consigo. Muitas vezes esse tipo de drible é aprovado somente por aqueles que possuem habilidade para fazê-lo, já que não é de fácil execução. Em um poema sobre *streetball* intitulado *You would too*⁴⁰, o escritor Gregório D. McDonald fala justamente sobre isso ao final:

(...) *Why you challenge me*
I'll never know
but this is my show
and I play the way I do because I can
and if you could
*you would too*⁴¹.

-- Soul Of The Game (sem ano e página)

Note que enterradas fora do contexto do jogo não significam muita coisa para eles. Se o jogador não enterrar no jogo, qual é a graça? Principalmente se for de simples execução. Como eles disseram não é



Soul Of The Game (Sem ano e página)

⁴⁰ Tradução: *Você faria também*

⁴¹ Tradução: *por que você me desafia/ eu nunca saberei/ mas este é meu show/ e eu jogo do jeito que jogo porque eu consigo/ e se você conseguisse/ você faria também.*

algo que aconteça facilmente, pois há muitas faltas e isso muitas vezes impossibilita o jogador de jogar com liberdade.

Z – Tem muita falta, mais do que o comum?

Ch – É muita falta, mais do que o comum.

Os entrevistados do Taquaral falaram sobre uma jogada que eles nunca irão esquecer (jogada que não ocorreu no Taquaral, mas na quadra do bairro 31 de Março).

Z – Vocês têm alguma recordação, alguma jogada q vocês falaram: eu nunca mais vou esquecer essa jogada. E aconteceu aqui?

Ch – *É, essa é inesquecível. Ele veio batendo bola assim pela lateral da quadra, aí o B estava marcando ele, o B subiu para dar um toco, ele subiu, passou a bola por baixo do braço como se fosse passar para outro, puxou a bola assim no ar e finalizou na tabela, no ar, no ar. O B subiu, ficou olhando para a bola.*

O mesmo foi falado na Unicamp:

Z – Uma jogada que aconteceu aqui e que vocês nunca esqueceram.

L – *Os três chegaram juntos e fizeram a panela, os três pivôs no mesmo time. Aí eles estavam jogando no arinho mais baixo defendendo ali, o Tg veio com a bola assim, pingou a bola no chão pra dunk⁴², e os três tiraram o pé do chão, os três tentaram dar o toco no Tg e ele deu uma dunk na cabeça dos negos.*

Axthelm (1970) transcreve em dois momentos diferentes de seu livro o relato de pessoas que viram o street legend “The Goat” jogar:

*As pessoas que viram, as pessoas que assistiram,
disse Sonny Johnson,
elas vão se lembrar.
(pg. 38)*

*Ele tinha o respeito de todos e sabia disso.
O jeito que ele jogou aquele dia nunca deixou ninguém que viu.
eEste era um homem bonito.*

(pg. 144, depois de ganhar de trinta a zero contra um desafiante que jogava sujo).

⁴² Palavra inglesa que significa enterrada.

16- Apoiando o Jogo

Existem várias maneiras de conservar o jogo vivo. Nos dois ambientes esse foi um ponto levantado na discussão.

Unicamp:

B – Viu Z, outra coisa que eu queria falar também é que falta alguma coisa no sentido do pessoal que é mais carente e não tem tamanho, de repente... Não é um pivô natural. Deveria ter algo mais político de incentivo ao basquete como qualquer outro esporte. Uma coisa que falta nas praças é que tem um monte de praças com quadras esportivas, mas não tem ninguém que ensina a jogar nada. Então, tem um monte de menino que começa a jogar basquete, fica batendo bola com as duas mãos, passando por trás e passando com as duas mãos e continua batendo a bola, ninguém orienta. Então, eu acho que podia ter um incentivo nas praças esportivas pra ensinar a molecada, entendeu? Porque muita gente que foi começar a ficar mais ou menos depois de velho e já podia ter melhorado muito mais quando era criança.

Muitas crianças têm suas primeiras lições nas quadras públicas. São nestes lugares que muitas vezes elas vão desenvolver fundamentos básicos para a prática do esporte. Conquistadas pela excelência do basquetebol jogado na NBA, seus sonhos começam a brotar. Ela quer ser o astro de seu colégio e logo a estrela da quadra pública próxima de sua casa. Quer fazer parte de um clube, depois da seleção brasileira... é possível de fato, crianças aprenderem na rua os fundamentos básicos do basquetebol? *Há aquelas crianças que estão hipnotizadas pelo streetball jogado no mundo. Elas tentam fintar com um crossover⁴³ antes mesmo de aprender a driblar a bola, tentam passar a bola por entre as pernas antes de colocarem a bola na cesta (...) Isso não é culpa da criança, elas estão sendo apenas mal guiadas e mal ensinadas pelo show do streetball⁴⁴.* Existem muitos fundamentos que são ignorados em quadras públicas e fazem essas crianças perderem noção do que de fato é basquetebol (organizado). Por vezes, a regra de não poder voltar ao campo defensivo depois de atravessá-lo não é cumprida, ou mesmo os 24 segundo para arremessar. Se não houver quem disser o que é certo e errado para novos jogadores, eles nunca conhecerão o outro lado do jogo, daqueles que em um primeiro instante, almejavam fazer parte.

⁴³ Nome de uma das fintas com a bola do basquetebol.

⁴⁴ Fonte: <http://www.msfbasketball.com/streetballintro.htm>.

M – *E, talvez poderia rolar um maior incentivo da Unicamp pra fazer uns campeonatos aqui. O próprio pessoal da Educação Física deveria estar mais aqui, tem um ou outro, isso aqui não é exemplo (se referindo ao L). Mas, já que a Unicamp tem essa estrutura e essa força com o pessoal da Educação Física, esse pessoal poderia estar de sábado atuando aqui. Hoje machucou um rapaz aqui que de repente poderia, sei lá, tem uma ambulância aí que não é de valia nenhuma, está aí parada. Então, eu acho que deveria ter uma política pública esportiva de sábado aqui.*

Do outro modo o M percebe como alguém pode estar apoiando o esporte. Já que a própria Unicamp oferece curso de Educação Física, ele gostaria de poder contar com os alunos da graduação para realização de campeonatos entre os jogadores que vêm aos finais de semana. Ele também comenta sobre a ambulância que está logo ao lado das quadras, que mesmo tendo pessoas que se machucam nos jogos nos finais de semana que eles estão jogando, essa ambulância não passa de um enfeite, parada, com o portão de saída fechado e sem ninguém para dirigir (mesmo porque se houvesse não saberiam onde está a chave, tanto da ambulância quanto do portão).

Taquaral:

Z – Quem sabe a prefeitura não pode ou a própria Unicamp bancar alguma coisa para que exista isso.

G – *Eu acredito que isso possa acontecer, que a gente possa pedir espaço na prefeitura para usar a quadra. Só que eu acredito que a hora que isso começar a incomodar algumas pessoas, as pessoas grandes vão cortar daí. Porque vai incomodar.*

Existe uma distância enorme entre a prefeitura (ou os responsáveis pelo esporte municipal) e os usufrutuários das quadras públicas. A confiança parece não fazer parte desse relacionamento.

F – *Eu que cheguei há pouco tempo, vim de uma cidade de 150 000 habitantes e o basquete já movimentou muito lá a cidade.*

Z – Qual era a cidade?

F – *Presidente Prudente.*

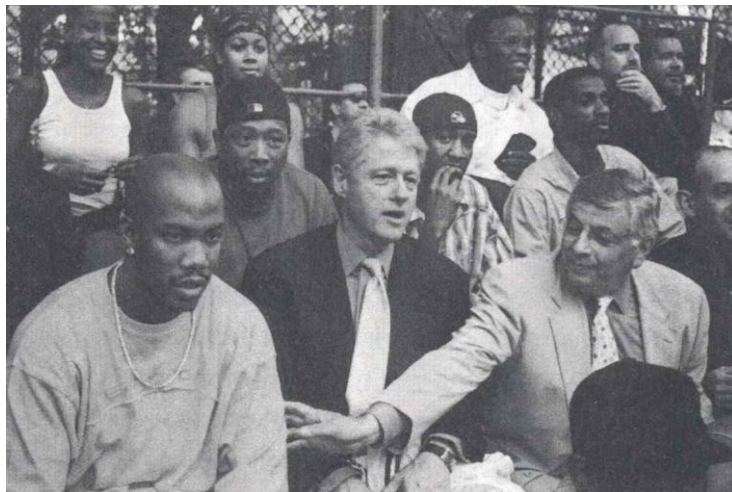
C – *E como movimentou né?*

F – *Eu joguei muito tempo lá e daí eu vim para cá e conversei com muitos amigos meus que disseram que é desperdício a cidade de Campinas não ter um time. Tem um amigo meu que foi embora, ele vai montar um time lá em Prudente e a gente estava pensando em montar um time aqui. Porque, pô, tem cara bom pra caramba. E não quero mais jogar basquete, eu quero assistir basquete. Mas a gente não consegue, é triste. Eu cheguei e assisti alguns jogos acho que do próprio Regatas, e eu cheguei e não conhecia ninguém, o G acho que jogava lá e o D, mas ele estava sentado.*

O F veio de Presidente Prudente, uma cidade também do estado de São Paulo. Seu comentário foi muito valioso. Ele argumenta que a cidade de Campinas com um milhão de habitantes...

Ch – Pois é, e Campinas aqui desse tamanho, com um milhão de habitantes.

... Não é capaz de ter uma estrutura para formar um time de qualidade para entreter seus moradores e vizinhos. Ele diz que seu objetivo com um time na cidade não é tentar fazer parte dele, mas assistir aos seus jogos.



Stephon Marbury (jogador da NBA), Bill Clinton (ex-presidente dos EUA) e David Stern (presidente da NBA) em Rucker Park.

Asphalt GODS, pg.242

F – Então a gente fica triste mesmo. Se você parar pra contar aí, se tivesse um campeonato municipal teria pelo menos uns seis jogadores para brincar municipal. Não só para jogar A2, de A2 você teria uns 30 caras de início. Tem muito cabeça de bagre aí jogando... Porque lá em prudente você tem umas cinco quadras cobertas, com aro retrátil, tabela de acrílico para você bater bola. Aqui, cara, estou quatro anos aqui e não pus o pé naquela quadra (se referindo ao ginásio do Taquaral).

O F está indignado por estar há quatro anos na cidade de Campinas e nunca sequer ter pisado no ginásio do Taquaral. Ele compara as facilidades de sua cidade natal com as de Campinas, rebaixando a cidade do interior de São Paulo com um milhão de habitantes. Além disso, as quadras públicas de sua cidade parecem muito mais com as privadas de Campinas.

G – Aqui você tem, mas não tem acesso, tem que alugar uma quadra pra poder usar por um tempinho.

Um dos entrevistados também comentou que o basquetebol poderia ser usado para o combate às drogas:

Ch – *E a gente vê tantos programas que a gente vê exibindo, programas de drogas e eu acho que isso poderia ser uma saída.*

Os campeonatos em Rucker Park, Meca do *streetball*, começaram justamente com esse propósito (MALLOZZI, 2003, pg. 8). Por que não o basquetebol ajudando o combate às drogas e vice-versa? O governo está pensando nisso...

Ch – *Ninguém da apoio.*

G – *É verdade mesmo.*

Considerações Finais:

Todos os comentários relativo à pesquisa já foram colocados durante os temas, mas alguns ainda são pertinentes.

O intuito desta pesquisa não foi encontrar uma palavra que definisse o basquetebol jogado nas quadras externas de Campinas/SP ou mesmo Brasil, considerando a língua oficial do país. Durante todo o trabalho tomamos muito cuidado ao comparar *streetball* com o basquetebol de rua jogado na cidade. Seria muita ousadia nossa ainda, por exemplo, denominar o conceito “basquetebol”, como esporte organizado (formal), e “basquete(bol)” (não-formal), para o jogo que tratamos durante a pesquisa.

Como comentamos no início do trabalho, *streetball* é uma palavra que define muito bem o basquetebol de várzea praticado nos EUA. Por suas características culturais americanas, ele simboliza algo muito distante do que o basquetebol jogado nas quadras externas (*outdoor*) do Brasil. Seria como compararmos com o futebol de várzea da nossa nação com outros países que nem sequer possui o futebol como esporte número um.

Além disso, antes das duas coletas de informações dada pelos entrevistados (Unicamp e Taquaral), nosso alvo ia além: entrevistar cinco quadras externas de basquetebol em Campinas. Isso não foi possível pela falta de atletas nas mesmas. De uma forma geral, podemos concluir que o basquetebol em Campinas tem perdido adeptos do esporte, razão essa que não foi analisada neste estudo. Por outro lado, apesar de não sabermos até quando perdurará esse sentimento, ainda existe um gosto pelo jogo na cidade. *Existe um amor pelo jogo nesta cidade (Nova York) que é muito difícil de colocar em palavras. Você começa (a amar) quando é bem jovem e nunca mais (o amor) fica fora de teu sistema. Você pode se casar com uma mulher, mas basketball continuará sendo seu primeiro amor*, dito por Willie Hall, um jogador *streetball* de Harlem (AXTHELM, 1970, pg. s/n).

Como sonho, vejo todas as quadras outdoor da cidade de Campinas cheias de jogadores nos finais de semana. Mais do que isso, vejo campeonatos anuais entre jogadores representantes de cada uma dessas quadras. O jogo precisa ganhar vitalidade e profissionais do esporte precisam estar atentos a isso.

Bibliografia

Livros

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

AXTHELM, Pete. *The city game: basketball from the garden to the playgrounds*. New York: Bison Books, 1999.

COSTA, Lamartine P. C. *Educação física e esportes não formais*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1988.

FITZPATRICK, Frank. *And the walls came tumbling down: the basketball game that changed American sports*. New York: Bison Books, 2000.

HUET, John. *Soul of the game: images and voices of the street basketball*. New York: Melcher Media/Workman, s/d.

LAKATOS, Eva M., MARCONI, Marina A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo/SP: Atlas, 1995.

MALLOZZI, Vincent M. *Asphalt Gods: an oral history of the Rucker Tournament*. New York: Doubleday, 2003.

MCKISSACK Jr., Fredrick. *Black Hoops: the history of African Americans in basketball*. New York: Scholastic Press, 1999.

MCNUTT, Kevin. *Hooked on Hoops: understanding black youths' blind devotion to basketball*. Chicago/IL: African American Images, 2002.

MOISÉS, Marcia P. *Atividades físicas e a criança asmática*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria dos Desportos: Brasília, 1993.

PALMER, Chris. *Streetball: all the balers, moves, slams, & shine*. New York: HarperCollins, 2004.

SIMSON, Olga M. V. (org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

TELANDER, Rick, *Heaven is a playground*. New York: Bison Books, 1995.

WIDEMAN, John E. *Hoop Roots: basketball, race, and love*. New York: Houghton Mifflin, 2001.

Bibliografia

Sítios Eletrônicos

ATLETAS, altura dos. www.nba.com

Alimoe (aka Black Widow) Interview. Disponível em:
<http://www.insidehoops.com/black-widow-interview-091103.shtml> (acessado
06/12/2004).

AND1, foto da grife. Disponível em: www.pollerssport.be/hyperlinks.htm (acessado
no dia 03/12/2004).

DC. *The Streetball Influence*. Disponível em:
<http://www.msfbasketball.com/anklebreakin2.htm> (acessado em 04/10/2004).

DC. *Street Legends*. <http://www.msfbasketball.com/anklebreakin.htm> (acessado em
04/12/2004).

Intro to Streetball. Disponível em:
<http://www.msfbasketball.com/streetballintro.htm> (acessado em 19/11/2004)

IVERSON, foto de Allen. <http://slamonline.com/magazine/features/Iverson84/>
(acessado em 05/12/2004)

JOHNSON, Foto de Earvin “Magic”. http://www.bodogbeat.com/archives/2004_05_21.html
(acessado no dia 03/12/2004).

MALLOZZI, V. M. *Playground vs. The Pros*. Artigo de 28/07/1999.
Disponível em: <http://www.villagevoice.com/issues/9930/mallozzi.php> (acessado
em 19/11/2004).

_____, V. M. *Stylin’*. Artigo de 23/05/2001. Disponível em:
<http://www.villagevoice.com/issues/0121/mallozzi.php> (acessado em 19/11/2004).

TELANDER, Rick. *Height story no tall tale (shorter Americans and taller Asians?)*.

Artigo do jornal Chicago Sun-Times publicado em 02/05/2004. Disponível em:

<http://www.freerepublic.com/focus/f-news/1128317/posts> (acessado 01/12/2004).

SCAPE, artigo. <http://www.msfbasketball.com/streetballescape.htm> (acessado em 19/11/2004).